

19 de Abril 2021
Segunda-feira
Semanário - Ano 5
Nº 255
Director-Geral
Evaristo Mulaza



ALEGADO BRANQUEAMENTO DE CAPITAIS NO BANCO

BNA iliba administradora e multa BFA em 80 milhões kz



EXCLUSIVO. O BNA já tomou decisões sobre o caso de alegadas práticas de branqueamento de capitais no BFA, denunciadas pelo ex-vice-presidente do banco, António Domingues. O VALOR sabe que Manuela Moreira, a administradora que autorizou as operações denunciadas, está livre para voltar a exercer a actividade, já o BFA terá de pagar pelo menos 80 milhões de kwanzas de multa. Pág. 13

SEGURO DE VIDA

Em Moçambique é 20%, no Gana 40% e em Angola só 2% do peso dos seguros

Págs. 4 a 6



PATRIMÓNIO

Mbanza Congo à espera do aeroporto para cumprir exigências da UNESCO

Págs. 8 e 9

PARCEIROS 'PASSAM A BOLA' ENTRE ELES

Projectos do Consórcio BPC-ABC abandonados há 3 anos

Pág. 12



JUSTINO PINTO DE ANDRADE, LÍDER DO BD

"Dirigentes do MPLA receiam ser apanhados como galinhas"

Págs. 10 e 11

E A LICENÇA DO GOVERNO? SUSPENDE-SE?

É indiscutível. Levados os factos ao limite, pelos seus incumprimentos com a imprensa, o Governo também deveria ter a sua licença suspensa. Vejamos apenas alguns poucos exemplos. O número 1 do artigo 44.º da Lei Magna dá dignidade constitucional à liberdade de imprensa, determinando que esta não pode “ser sujeita a qualquer censura prévia, nomeadamente de natureza política, ideológica ou artística”. Pergunta: o poder em Angola respeita a liberdade de imprensa? Resposta: não, não a respeita nos órgãos públicos e são conhecidas há décadas repetidas interferências nos órgãos privados. É uma violação à Constituição, mais grave do que o preenchimento de papéis junto da pasta da Comunicação Social.

Passemos... Pelo menos desde 2006, as leis de imprensa vêm fixando o estabelecimento de um sistema de incentivos à comunicação social. “Nos termos da lei, o Estado estabelece um sistema de incentivos de apoio aos órgãos de comunicação social de âmbito nacional e local com vista a assegurar o pluralismo da informa-

ção e o livre exercício da liberdade de imprensa e o seu carácter de interesse público.” É a mesmíssima redacção que se encontra nas Leis 7/06, de 15 de Maio, e 1/17, de 23 de Janeiro. É ainda o texto que está proposto na futura Lei de Imprensa, uma vez que a actual será revogada a qualquer altura. Pergunta: alguém sabe dizer de algum sistema de incentivo que tenha sido criado para apoiar a imprensa? A resposta é um seguro não. Ninguém sabe. E não há dúvidas de que se trata também de uma violação mais grave do que o preenchimento de papéis no Ministério.

Continuemos... Pelo menos desde 2017, a Lei de Imprensa passou a incluir a carteira profissional entre os direitos dos jornalistas, mais especificamente na alínea g) do seu artigo 17.º. Pergunta: quando mesmo é que os jornalistas angolanos passaram a receber carteiras? Resposta: desde 2021. Então, quanto tempo foi necessário, após a publicação da lei, para que as primeiras carteiras começassem a sair? Mais de quatro anos. Muito bem.

Agora, olhemos para a decisão do Ministério. Quanto tempo deu às televisões suspensas para preencherem os requisitos alega-

damente em falta? Nenhum dia. E o mecanismo imediato que as leis prevêem é a suspensão da actividade? Não. Para os artigos 22.º e 31.º, citados no comunicado do Ministério, a Lei de Imprensa estabelece multas, em caso de violações. O mesmo diz-se em relação aos artigos 7.º e 18.º da lei que regula o exercício da televisão. Quanto ao artigo 21.º da Lei sobre o Estatuto do Jornalista, o mesmo estabelece que o reconhecimento da carteira de jornalista é da competência da Comissão de Carteira e Ética (CCE). Então, a pergunta: sendo que até a emissão de carteiras para profissionais angolanos mal começou, é justificado impedir a actividade de um jornalista estrangeiro, caso exista, por ainda não estar reconhecido pela CCE? Resposta: não, de forma nenhuma.

Para fechar. É ou não legítimo considerar o cancelamento provisório da licença do Governo? Enfim... Que decida o leitor, porque este não é um texto de advocacia, muito menos de defesa corporativista. É uma simples listagem das contradições, dos equívocos e das arbitrariedades do Governo no uso das leis. As tais que o próprio aprova e que evoca para suspender a actividade de certos órgãos em Angola. Enfim...



FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira
Redacção: Edno Pimentel, Emídio Fernando, Isabel Dinis, Guilherme Francisco, Júlio Gomes e Suely de Melo
Fotografia: Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuesseca
Secretária de redacção: Rosa Ngola
Paginação: Edvandro Malungo e João Vumbi

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló
Colaboradores: Cândido Mendes, EY, Mário Paiva e Pedro Narciso
Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 00 N.º de Registo do MCS: 765/B/15
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente da Administração: Geovana Fernandes
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Geovana Fernandes
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N.º de Contribuinte: 5401180721
N.º de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82
Endereço: Avenida Hoji-Ya-Henda, 127, Marçal, Luanda-Angola; 222 320511 Fax: 222 320514
E-mail: administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



JÚNIOR MUKOKO,
proprietário da Serv-HidroServ

Como entrou na prestação de serviços à indústria petrolífera?

Nós, os jovens, temos de ser criativos e resilientes, sobretudo nesta fase de crise. Foi assim que me vi na obrigação de criar a empresa juntamente com um irmão, para se ocupar do segmento da prestação de serviços que fazem falta às operadoras petrolíferas. Refiro-me ao transporte, logística e consultoria integrada.

É um negócio fácil?

Não é fácil obter serviços, porque são empresas muito exigentes, com sentido elevado de responsabilidade, por isso, para conseguir os primeiros clientes, tivemos de montar uma grande estratégia de marketing. Quanto à facturação, é variável. Garante o equilíbrio da tesouraria e paga pontualmente os nossos colaboradores.

E há quanto tempo a empresa está no mercado?

Há cinco anos. Além de vistos para os expatriados, assistência aeroportuária, embarque e desembarque, reserva de hotéis, importação e exportação de materiais relacionados com o sector petrolífero, fabricação de estruturas metálicas, futuramente pensamos na intervenção e limpeza de poços mortos. Pretendemos também expandir para a hotelaria, a agricultura e criação de gado.

13

TERÇA-FEIRA

O professor Fernando Macedo, da Universidade Lusíada de Angola, critica o Presidente João Lourenço, considerando que a revisão da Constituição é "um atentado ao Estado democrático de direito".

14

QUARTA-FEIRA

A direcção do Instituto de Reintegração Socioprofissional dos Ex-militares (Irsem) queixa-se que está "há mais de um ano sem dotação orçamental" e que as administrações municipais tomam decisões que "ferem o processo de reintegração" dos antigos militares.

15

QUINTA-FEIRA

O Governo revela que vai apresentar, em Julho deste ano, pela primeira vez, nas Nações Unidas, o relatório voluntário da implementação dos 17 Objectivos do Desenvolvimento Sustentável da agenda 20/30.



16

SEXTA-FEIRA

A Sonangol, em acordo tripartido, aliena para a empresa Trafigura os 31,78% da participação que detinha na Puma Energy, por 600 milhões de dólares.



17

SÁBADO

O Fundo das Nações Unidas Para a Alimentação e Agricultura (FAO) garante que o combate à praga de gafanhotos que afecta a região Sul de Angola vai envolver meios aéreos, para a pulverização, com insecticidas, das regiões afectadas.



18

DOMINGO

O ministro de Economia e Planeamento, Sérgio Santos, avança que foram financiados, em Luanda, 480 projectos no âmbito do Programa de Apoio à Produção, Diversificação das Exportações e Substituição das Importações (Prodesi).



COTAÇÃO



PETRÓLEO EM ALTA...

O petróleo começou a semana no positivo. O Brent, referência às exportações angolanas, negociou nos 67,07 dólares, registando ganhos de 0,45%. Por sua vez, o WTI valorizou 0,41%, para os 63,45 dólares.



OURO E PRATA EM QUEDA...

Em sentido contrário, estiveram os metais preciosos. O ouro iniciou a semana a cair 0,56% nas entregas de Junho, ao negociar nos 1.770,15 dólares por onça troy. A prata perdeu 1,05%, nas entregadas de Maio, negociando nos 25,832 dólares por onça troy. Já o cobre, em contracção, subiu 1,54%, para os 4,2322 dólares por libra-peso.

Entrevista

Somos africanos e cada vez mais queremos ser mais angolanos. Há dois anos, havia outra direcção, liderada por um português e com a entrada do grupo na empresa há uma grande transformação.



PHILLIPE ALLIALI, CEO DA SANLAM SEGUROS

“O seguro de vida representa apenas 2% do peso do seguro em Angola, mas 20% em Moçambique e 40% no Gana”

Ambiciona colocar a Sanlam como a número um das seguradoras e não descarta a hipótese de concorrer à privatização da Ensa. Phillipe Alliali destaca o peso da sua empresa no mercado africano e arranja explicações para que Angola, em relação a África, tenha números baixos na contratação de seguros.

Por César Silveira

Há quase dois anos que o grupo Sanlam adquiriu a Sanham. Qual é o balanço que se pode fazer

deste negócio?

Há muita coisa que mudou nestes dois últimos anos, sobretudo os números, melhoraram principalmente no último ano, de 2019 para 2020. Houve um crescimento de

cerca de 24%. Melhoraram muito, estávamos a ter algumas perdas, mas agora estamos com resultados positivos. Mas o importante foi a reestruturação da empresa. Primeiro, houve um aumento do capital social. Fizemos por iniciativa própria porque achámos que havia necessidade de fazer este aumento. Fizemos o ano passado e o no ano antepassado. Também houve a entrada de novos accionistas nacionais. E também houve

a entrada de novos membros na administração da empresa, elevou-se para sete, dos quais dois são independentes.

O que representam estas alterações?

Também internamente houve uma transformação na nossa forma de organização. Anteriormente, tínhamos uma direcção técnica, uma comercial e hoje estamos constituídos em unidades de negócios.

“ Se existem seguradoras com mais de dez anos, mas continuam com números baixos, alguma coisa deve ser questionada. Não estamos a falar do 'ranking', mas do investimento. ”



Mário Muijães © VE

30%. Saiu alguém que esteve na empresa desde o princípio, pessoas que tinham participação, mas não eram activamente envolvidas no negócio e entraram accionistas com maior envolvimento no negócio. Os accionistas que faziam parte da empresa tinham o seu dinheiro, puseram na empresa, mas não tinham uma participação activa. A empresa, quando foi criada, era pequena com escritório na marginal e passados estes anos valorizou-se. Interessava-lhes, agora, tirar algum lucro dos investimentos que fizeram e então venderam as acções. Resumindo, temos um grupo internacional, um grande grupo, somos o número 1 das instituições financeiras não bancárias em África. Estamos na Índia, Malásia, EUA. Somos um grupo internacional, mas maioritariamente africano. Estamos em 33 países africanos. Somos os únicos. Por exemplo, os outros grupos, como a Total e a BP, são internacionais, mas espalhados pelos outros continentes, não têm uma presença tão grande em África. Somos africanos e cada vez mais queremos ser mais angolanos. Há dois anos, havia outra direcção, liderada por um português e com a entrada do grupo na empresa há uma grande transformação. Com a maturidade do grupo, também conseguimos transmitir a mensagem que crescemos.

excluir, o seguro de petróleo, somos a número um em riscos corporativos. Somos número dois ou três no de saúde. No automóvel, é um pouco difícil definir, mas devemos ser segundo ou terceiro. No peso de cada um dos produtos, estamos com 20% de saúde, 20% de riscos corporativos, 12% automóvel. Isso demonstra que temos uma carteira equilibrada. Os números só não traduzem tudo, porque é importante uma boa empresa de seguros ter uma carteira equilibrada. Algumas podem ter a concentração nos petróleos, outras na saúde, mas se uma destas linhas tiver algum problema afecta logo a empresa. As seguradoras vendem confiança e é importante que haja este equilíbrio e não concentrar os ovos em um só cesto.

É fácil liderar em Angola na prestação de bom serviço?

É difícil, porque há características únicas no mercado. Estamos presentes em outros mercados africanos e vimos o que está a acontecer. Quando olhamos para as características específicas de Angola nem sempre é fácil. Um exemplo é o seguro de vida. Representa apenas 2% do peso do seguro em Angola em países como Moçambique é 20% e no Gana 40%. Quando falamos em melhores serviços, é providenciar estes serviços aos nossos clientes. A nossa maior satisfação não está em dar apenas aquilo que já existe, mas providenciar algo novo, é isto que queremos dar aos nossos clientes. O mesmo pode dizer-se do seguro agrícola. Em muitos países onde estamos presentes, é um seguro que é comercializado em grande escala, mas não é o caso em Angola. Talvez porque Angola tem petróleo. Em países que dependem da agricultura, como a Costa do Marfim, que é o cacau, há necessidade de fazer o seguro para o cultivo do cacau, assim como no Gana e África do Sul. É isto que queremos trazer para Angola, não exactamente a mesma coisa, mas é o desafio que temos. Mesmo em relação ao seguro automóvel, muito utilizado cá. Em países como Marrocos e África do Sul, já existe um serviço de assistência que, em caso de acidente, é enviado um reboque para levar o carro, inclusive um veículo de substituição. Nós temos este serviço, mas precisamos estender para outras províncias, porque nos outros países está a funcionar, mas inicialmente as pessoas também duvidaram.

O mercado define por si a necessidade ou não das seguradoras.

Neste momento, somos o número dois, mas se olharmos aonde está a diferença, a maior parte vem do petróleo.

Temos uma unidade de negócios do 'ramo vida', a de 'automóveis' e seguros de massa: a de 'saúde' a de 'riscos de empresas corporativas'. Esta é uma mudança importante. Cada uma destas unidades é como se fosse uma empresa porque cada uma delas tem um responsável máximo, equipas de subscrição do produto e a equipa comercial. Cada uma consegue comunicar-se com o grupo que também está distribuído desta mesma forma para ter o apoio directo e conseguirmos dar resposta ao mercado.



Perfil **Na gestão do seguro em África**

André Philippe ALLIALI-DIE é CEO e administrador delegado da Sanlam Angola desde Julho de 2019, passando a acumular com o cargo de vice-CEO principal da Sanlam Pana Africano desde Janeiro de 2020. Formado na ESLSCA Business School Paris, desempenhou ainda os cargos de diretor-geral-adjunto do Groupe NovaMed, da Costa do Marfim, entre Janeiro de 2015 e Agosto de 2018.

A informação tornada pública, por altura da aquisição, dava conta de que dois grupos sul-africanos, entre os quais a Sanlam, teriam 90% da então Sanham. Confirma esta informação e qual é a nova estrutura com a entrada de novos accionistas?

A informação que tinha dos 90% não corresponde à verdade, até porque inicialmente a lei não permitia que algum accionista estrangeiro tivesse mais do que 49%. Na altura, o antigo dono tinha apenas 49%. Com a venda da GA para a Sanham, conseguiu-se aumentar para 70% e os 30% pertenciam aos accionistas locais. Não mudou a estrutura, continua a ser 70% por 30%. O que alterou foram os accionistas dos



O objectivo de qualquer empresa é ser o número um, mesmo aquele que é o último também almeja ser o número um. Há dez anos, não éramos o número dois, devíamos ser o três ou o quatro e hoje somos a seguradora número dois.

Entrevista

Continuação da página 5



Mais do que os números, CEO da Sanlam afirma que o objectivo é criar valor.

tem seguradoras com mais de dez anos, mas continuam com números baixos, alguma coisa deve ser questionada. Não estamos a falar do 'ranking', mas do investimento. Quando olhamos para a produtividade das seguradoras, conseguimos facilmente ver que são 10 as que têm maior concentração do mercado.

Será um sinal de que 10 seria o número ideal?

Não quis dizer que o número ideal seria dez. O mercado de Angola, por exemplo, é maior que o da Costa do Marfim, mas a Costa do Marfim tem 20 seguradoras. Tem as que têm maior concentração e que têm uma menor percentagem. No nosso mercado de seguro, aquilo que é a participação no PIB, estamos abaixo de 1%, significa que ainda temos muito mercado. A questão que se levanta é a seguinte: o mercado até pode crescer, mas estas seguradoras vão acompanhar?

O que está na base da baixa taxa de penetração de seguro. Tem faltado trabalho e criatividade das seguradoras ou o problema está do lado dos potenciais clientes com limitações financeiras?

É um dos pontos que falamos nas conversas com os colegas das outras seguradoras em particular da Ensa. Quando olhamos para a penetração é difícil comparar, porque isso acontece nos países produtores de petróleo porque o impacto de uma das indústrias, no caso o petróleo, é tao grande que as outras são insignificantes. É algo que devemos levar em conta. Muitas vezes ouvimos o investimento que está a ser feito por uma petrolífera na ordem dos sete mil milhões de dólares, este é um valor que para alguns países é o PIB. É investimento tao alto que os outros sectores não conseguem acompanhar. Isso cria um desequilíbrio para definir qual é o peso de cada uma das indústrias. Mas não invalida a questão se, de facto, deveria fazer-se mais para desenvolver a cultura de seguros em Angola. Quando olhamos para outros países, aonde o seguro já contribui com 4% (não vamos esperar 4% em Angola, mas pode estar acima dos 0,6%), não é que as seguradoras estejam em falta, mas sim é um trabalho que deve ser feito. Um impacto da penetração de seguros, por exemplo, pode mudar de um dia para o outro quando olhamos para o preço do petróleo.

Em relação ao seguro agrícola o que é que já tem preparado?

Ainda não subscrevemos porque ainda não há, mas está a ser feito um trabalho intenso com o apoio dos nossos colegas da África do Sul. Houve fóruns que a Sanlam esteve presente para a sensibilização da importância do seguro e o que é necessário para subscrever o seguro agrícola desde o ano passado. Temos em África uma empresa especializada em seguro agrícola. No seguro agrícola, existem duas classes. A das grandes empresas agrícolas e da agricultura de subsistência. As grandes têm dinheiro para investir, mas os outros não têm. Em Angola, existem projectos para as grandes empresas do ramo agrícola e industrial. Com estes estamos a trabalhar no sentido de desenvolver o seguro agrícola. Por outro lado, há as pessoas que fazem a agricultura de sobrevivência. Estes não têm meios para financiarem, precisam da ajuda do Estado que começa pelo licenciamento. Em outros países africanos, trabalhamos em parceria com o Estado e podemos trazer esta experiência destes países para cá.

Como é que pode ser feita a participação do Estado?

É necessário o governo juntar todas as partes envolvidas para analisar e estudar as melhores formas, porque não basta apenas pensar em dar um subsídio. Não é só isso. É preciso trazer as seguradoras, os bancos e outros 'players' para que juntos possam encontrar a melhor forma de implementar e analisar o que está a acontecer em outras partes.

Já houve uma experiência-piloto, mas que ficou pelo caminho. Se tivesse de dar algum conselho, qual seria?

Nós, a nível do grupo, tínhamos o plano de trazer os nossos colegas da África do Sul até ao ano passado. Já tivemos reuniões cá com o BDA e tivemos, inclusive, juntos na África do Sul em 2019, mas infelizmente a situação actual também não ajudou. Estamos a retomar este tema com reuniões de algumas equipas. Por isso, vou deixar o conselho para os especialistas poderem dar, mas o que posso dizer é que Angola está numa posição privilegiada, porque tem boa terra, tem, comparada a alguns países africanos, uma condição financeira melhor. Tem condições para importar, tem mar, caminho-de-ferro e mercado.

Fala de forma persistente sobre o seguro de petróleo, sobre o qual tem havido muita discussão, sobretudo à volta da liderança do co-seguro, que é liderado pela Ensa. Pensa que deve haver uma revisão deste co-seguro?

Não gostaria de tecer qualquer comentário sobre isso, porque cada país tem a sua cultura e a sua forma e, por isso, respeito. O que posso dizer é que nós, por sermos parte de um grande grupo, temos melhor capacidade de assumir maiores riscos. O nosso grupo também tem uma estruturação muito organizada e por isso não estou em condições de dizer o que vamos fazer, mas acredito que podemos fazer melhor.

Mas têm também uma unidade de negócios para o seguro de petróleo?

Neste momento, não temos uma unidade de negócio de petróleo, mas o meu chefe é especializado em seguro de petróleo por isso, se for necessário, conseguimos fazer sem problema algum.

Há notícias que dão conta de que a Sanlam está interessada na privatização da Ensa. Confirma?

A Ensa está no processo de priva-

Os números só não traduzem tudo, porque é importante uma boa empresa de seguros ter uma carteira equilibrada.

tização e, estando num mercado aberto com outros 'players', qualquer um destes pode apresentar interesse, mas não estou em condições de dizer se estamos ou não interessados.

Há correntes que defendem que o país tem muitas seguradoras... Acredito no mercado. O mercado define por si a necessidade ou não das seguradoras. A maior concentração está em cinco ou dez seguradoras, é o mercado. Se exis-

**PLANO
BOSS**

O BOSS É QUEM MANDA

O futuro é agora

**PACOTES DE
VOZ, INTERNET
E/OU SMS**

PERSONALIZADOS
POR EMPRESA
E UTILIZADOR

**PARTILHA
DE UTTS
E CHAMADAS
GRÁTIS**

DENTRO DO GRUPO

**500 SMS +
25MB/MÊS
GRÁTIS**

PARA CADA MEMBRO

LINHA DE APOIO
A EMPRESAS

19 300

www.unitel.ao

 **UNITEL**
EMPRESAS



Economia/Política

ARRANQUE DAS OBRAS JÁ TEVE VÁRIAS DATAS

Construção do aeroporto de Mbanza Congo em dúvidas para este ano

INFRA-ESTRUTURA. É uma das sete recomendações da UNESCO para a elevação de Mbanza Congo a Património da Humanidade. Desde 2017 que o Governo anuncia o arranque das obras e nada garante que seja agora em 2021.



Por Gil Lucamba

Mais de três anos depois de o Governo ter anunciado a construção do novo aeroporto de Mbanza Congo, no Zaire, não se vislumbra uma data para o começo da obra, apesar de, em várias ocasiões, as autoridades terem dado garantias do seu início.

A desactivação do antigo aeroporto, situado no centro histórico, e a construção de um novo, são a última de sete recomendações feitas pela UNESCO ao Estado angolan

lano para que a cidade de Mbanza Congo fosse elevada a Património da Humanidade, o que se efectuou a 8 de Julho de 2017, durante a 41.ª sessão da Comissão de Património Mundial do organismo, que decorreu em Cracóvia, no Sul da Polónia.

O Governo comprometeu-se a cumprir as recomendações da UNESCO até 2020, tendo anunciado, nesse ano, em pelo menos em duas ocasiões, o início das obras, o que, entretanto, nunca se concretizou.

Quadros seniores dos Transportes revelaram ao VALOR desconhecem as razões por que as obras, até ao momento, não saíram do papel, uma vez que, segundo confirmam, existem todas as con-

dições para arranque. “Há inclusive financiamento, mas este dossier está a ser gerido de forma muito estranha e secreta”, referem.

Por sua vez, o presidente da comissão executiva da Sociedade Gestora de Aeroportos de Angola (SGA-SA), Nataniel Domingos, garantiu que as obras terão início quando estiverem criadas todas as condições para o efeito. “O contrato de empreitada de concepção, construção, fornecimento, instalação de equipamentos e apetrechamento do aeroporto já foi assinado e remetido ao Tribunal de Contas para o visto preventivo”, explicou, acrescentando que, “após a obtenção do visto de conformidade do contrato, se seguirão outros passos até ao início das obras, como

15,8

Mil milhões de kwanzas, valor previsto no Orçamento Geral do Estado deste ano para a empreitada.

a assinatura de acordo de financiamento, o pagamento do down payment e a assinatura do auto de consignação”.

“Pre vemos que estaremos em condições dentro deste trimestre”, estimou. O responsável da SGA adianta ainda que a empreitada, que está prevista no Orçamento Geral do Estado 2021, será coberta por via de financiamento externo que está a ser analisado pelo Ministério das Finanças. A linha de financiamento foi conseguida pelo empreiteiro, tendo sido um dos requisitos para a atribuição da obra nos termos do concurso. O projecto está avaliado em cerca de 89,9 mil milhões de kwanzas e o OGE/2021 reserva, entre-

A 'TRIBUTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO - Em período de crise, como fomentar o crescimento económico' é o tema do fórum que acontece esta quarta-feira e organizado pela revista Economia & Mercado, na qual deverá intervir, entre outros, o presidente do conselho de administração da AGT, Claudio Paulino dos Santos.

tanto, pouco menos de 15,8 mil milhões de kwanzas para a empreitada.

Confirmando que cabe ao empreiteiro tratar do financiamento, Nataniel Domingos colocou de parte a possibilidade do adjudicatário recorrer a linhas de crédito da China para evitar onerar mais o Estado.

ADJUDICAÇÃO

A obra foi adjudicada à empresa Sinohydro Corporation Limitada-Sucursal Angola, como primeira classificada do concurso limitado por prévia qualificação, autorizado por Despacho Presidencial no 139/19, de 23 de Julho, para a concepção, construção, fornecimento, instalação de equipamentos e apetrechamento. O concurso para a selecção da empresa que vai fazer a fiscalização já está também a decorrer, segundo Nataniel Domingos.

Projectado para ser edificado na região do Nkiende II, a mais de 30 quilómetros do centro histórico de Mbanza Congo, quando estiver em funcionamento, o novo aeroporto poderá receber aviões do tipo Boeing 737 e o Il-76.

Terá placa de estacionamento para acomodar em simultâneo dois Boeings 737 e duas aeronaves ligeiras, além de um terminal de passageiros com capacidade para 600 viajantes em simultâneo, sendo 300 utentes a embarcar e o mesmo número a desembarcar.

A escolha do local resultou de um estudo feito para aferir a visibilidade e outros obstáculos, depois de um trabalho de desminagem do terreno.

AEROPORTO ÚNICA RECOMENDAÇÃO POR CUMPRIR

O coordenador do Centro Histórico de Mbanza Congo, Biluka Nsakala Nsenga, declarou ao VALOR que grande parte das recomendações foi já concretizada pelo governo do Zaire, faltando a construção do aeroporto que é da alçada do Governo central. "Ainda não construíram o novo aeroporto, mas as informações que estão na nossa posse confirmam que este ano a construção do novo aeroporto vai sair e o país já tem a fonte onde vai sair os valores para começar já a construção do novo aeroporto", refere, acrescentando que apenas aviões de pequeno porte, que às vezes levam valores para os bancos, utilizam a pista do antigo aeroporto de Mbanza Congo. Notando que o cumprimento das recomendações

"é um processo que está sendo seguido", Biluka Nsenga minimizou informações que dão conta de uma possível retirada da classificação de Património da Humanidade à cidade. E garantiu que a comissão realiza encontros regulares com peritos da UNESCO, estando prevista para Junho mais uma reunião de avaliação.

CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS

● Julho de 2017

O então governador do Zaire, José Joanes André, anuncia a construção do novo aeroporto de Mbanza Congo na localidade de Nkiende e afirma que a obra consta do plano de investimentos públicos do Governo central, que assumiu compromisso junto da UNESCO, para garantir a classificação da secular cidade a Património da Humanidade.

● Fevereiro de 2018

O então ministro dos Transportes, Augusto da Silva Tomás, garante que as obras do novo aeroporto de Mbanza Congo começariam nesse ano e que um concurso público seria feito para a escolha da empresa que se encarregaria pela construção.

● Agosto 2019

O Presidente João Lourenço autoriza a despesa e formaliza a abertura de concurso público limitado por prévia qualificação para a empreitada de concepção, construção, fornecimento, instalação de equipamentos e apetrechamentos do novo aeroporto de Mbanza Congo.

● Junho 2020

Adjany Costa, na altura ministra da Cultura, Turismo e Ambiente, garante à imprensa, no final da V Reunião Ordinária da Comissão Nacional Multisectorial para a Salvaguarda do Património Cultural, orientada pelo vice-presidente da República, que as obras para a construção do novo aeroporto de Mbanza Congo arrancariam nesse ano.

● Janeiro 2021

O governador do Zaire, Pedro Makita, afirma, durante a celebração do Dia da Cultura, que o surgimento da covid-19 impediu o arranque das obras de construção do novo aeroporto de Mbanza Congo e inviabilizou a desactivação do actual.

MENTOR GARANTE "ORÇAMENTO BAIXO"

600 milhões de dólares para criar Rio Luanda

Por Guilherme Francisco

MEMORIZE

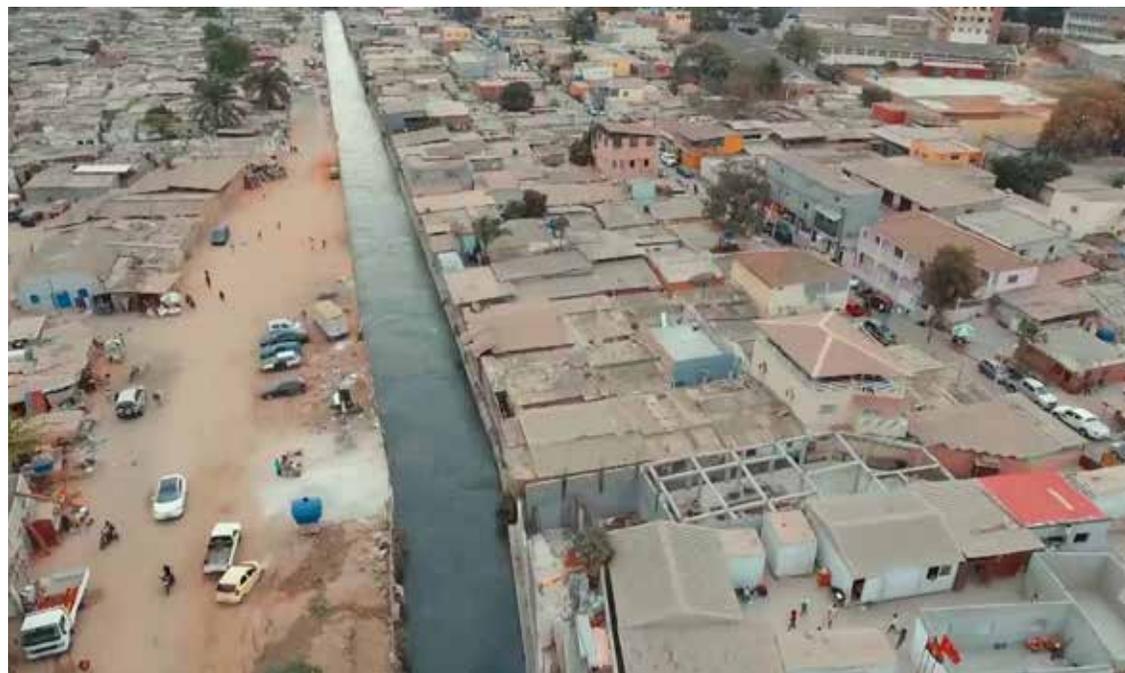
● Com os estudos concluídos, se o projecto sair do papel, a previsão da conclusão das obras é de quatro a cinco anos. António Venâncio crê no investimento do Governo visto que encorajou os engenheiros a elaborarem os estudos e prometeu ouvi-los.



O mentor do projecto da criação de um rio artificial a atravessar o centro de Luanda, António Venâncio, estima que o Governo possa gastar cerca de 600 milhões de dólares, dos quais 480 milhões destinados ao realojamento de cerca de oito mil famílias residentes nas linhas de água. O engenheiro, que se vem batendo pelo rio, considera tratar-se de um "orçamento baixo, embora possa sofrer alterações a pedido das autoridades governamentais. "A obra será feita quase toda com materiais e mão-de-obra local. De todos os estudos existentes, o do rio Luanda é

o mais barato e o mais rápido. Não vai ser preciso assessoria internacional", reforça. António Venâncio acredita que o rio terá "um grande impacto ambiental" e económico nas zonas para qual está projectado, que vai do Kikuxi, Viana, estendendo-se a Cacuaco, passando pelo

Coelho, até à Ponte Molhada, Nova Vida e Kamorteiro. "Vai ressurgir a pequena e média indústria, a cultura avícola no Cazenga que já existia no passado e abastecia toda Luanda. Os aviários ainda estão lá e só aguardam por água. A cultura de plantas e fabricação de bebidas", observa. Além disso, o autor do projecto prevê uma melhoria da sociabilidade nos bairros periféricos, estimando que "haverá praias fluviais, recintos de lazer, prática de desportos aquáticos, criação de peixes, reordenamento do território e zonificação de actividades comerciais e culturais". Com os estudos concluídos, se o projecto sair do papel, a previsão da conclusão das obras é de quatro a cinco anos. António Venâncio crê no investimento do Governo visto que encorajou os engenheiros a elaborarem os estudos e prometeu ouvi-los.



Economia/Política



Santos Simõesca © VE

JUSTINO PINTO DE ANDRADE, PRESIDENTE DO BLOCO DEMOCRÁTICO, EM ENTREVISTA À RÁDIO ESSENCIAL

"Dirigentes do MPLA receiam ser apanhados como galinhas"

SEGURO. Crítico do actual combate à corrupção, que considera "um combate pessoalizado", líder do Bloco Democrático e professor da Universidade Católica de Angola, reprova os dirigentes do MPLA por "não terem capacidade de se indignar" e desconfia que tomam comprimidos para relaxarem com receio de "serem apanhados como galinhas". Em entrevista à Rádio Essencial, Justino Pinto de Andrade manifesta-se contra a destruição de riquezas construídas de forma ilícita e revela que a plataforma da Oposição está a andar com passos seguros, em que ele se assume como o "equilíbrio".

Por Emídio Fernando

A ssumidamente "horrorizado com a riqueza ilicitamente adquirida", Justino Pinto de Andrade tem, no entanto, uma visão diferente do combate à corrupção. Critica o que tem sido feito, por consi-

derar que se trata de "um combate pessoalizado, como um jogo para dar uma justificação interna de justiceiro, por um lado, e, por outro, para o exterior. O exterior gosta muito dessas guerras entre nós e aplaude". E recorre a uma imagem literária para sublinhar a ideia: "quando aparece um 'don quixote', em cima do cavalo, a disparar por todos os lados, esses países ficam satisfeitos porque os rapazes estão a matar-se entre eles

A SECRETÁRIA DE ESTADO das Comunidades Portuguesas Berta Nunes destacou nesta segunda-feira em Benguela a necessidade do reforço da cooperação com Angola em vários domínios, e reafirmou que os dois países têm estado a trabalhar num acordo para facilitação de vistos a nível da CPLP e bilateral.

e depois "vamos discutir com o vencedor". É o que eles pensam".

Por isso, o líder do Bloco Democrático olha para os militantes do MPLA com alguma apreensão. Aos de base, antevê que "estão a sentir o aspecto negativo deste combate, que é a perda do emprego, a perda do poder de compra". Aos de topo, desconfia que andam a "tomar comprimidos para dormir", porque "nenhum deles está a dormir à vontade, não sabem quando é que vão ser atacados. Receiam ser apanhados como galinhas".

Com esta inquietação, Justino Pinto de Andrade aponta para a inércia dos dirigentes do MPLA e acusa-os de "não terem capacidade de se indignar". "A cultura que prevaleceu, durante estes 45 anos, foi a cultura do silêncio e não da indignação. Infelizmente, no MPLA, não há o direito à indignação e eles deixam-se praticamente apanhar como se fossem galinhas. Eu gostaria que eles se indignassem", resume.

E como não existe essa indignação, Justino Pinto de Andrade não tem dúvidas de que "os dirigentes do MPLA ainda não mostraram que não têm sangue de barata, ainda não mostraram a capacidade de indignação". Não defende convulsões, mas admite que "todas as transformações, em princípio, implicam alguns momentos de tensão" e que "não há transformações completamente 'soft'".

Em entrevista à Rádio Essencial, o político e professor universitário defende outro modelo de combate à corrupção, lembrando que "ninguém foi a um banco, de pistola na mão, buscar dinheiro" e propõe alternativas: "Eu faria com que as pessoas pudessem assumir um compromisso. Isto devia ser tratado de forma mais cuidadosa, porque assim estamos a destruir". Justino Pinto de Andrade lembra que a decisão de criar ricos foi do "sistema", mas isso permitiu a formação de empresas que "estão a ser destruídas". "Não podemos dar pontapé na riqueza, não as podemos destruir. Não faz sentido destruir um Kero que, daqui a pouco, transformam numa loja do povo e vamos comprar bugigangas e mais nada e ficar com a sensação de que estou a combater a corrupção, destruindo um bem, que serve alguém. Quando alguém constrói um supermer-

cado, uma empresa, uma fábrica, e dá emprego às pessoas, e põe bens cá fora, o resultado da acção desse rico é um resultado positivo".

Em alternativa, propõe que se "criem condições para que não haja mais apropriações ilícitas e, se houver alguma ilicitude, criar condições para haver uma reparação". Esta ideia, aliás, o líder do BD pretende ver integrada no conjunto de propostas da propalada plataforma de partidos da oposição.

O EQUILÍBRIO NA PLATAFORMA DA OPOSIÇÃO

Neste caso, e como alternativa de poder, Justino Pinto de Andrade sente-se "um equilíbrio" entre Adalberto Costa Júnior e Abel Chivukuvuku. E recusa liminarmente ser candidato a pre-

MEMORIZZE

● **Como ideias principais para a possível plataforma da oposição, Justino Pinto de Andrade, entre outras, quer que a saúde e a educação sejam prioridades do Estado, sem, no entanto, fechar as portas à iniciativa privada. Para já, recusa os rótulos ideológicos de 'direita' ou de 'esquerda' e, em contrapartida, propõe "um programa integrador, adaptado ao momento que está a ser elaborado", com a convicção de que "não vamos voltar a projectos do passado", defendendo que "há modelos ultrapassados e até o capitalismo se desenvolveu".**

Quando aparece um 'don quixote', em cima do cavalo, a disparar por todos os lados, esses países ficam satisfeitos porque os rapazes estão a matar-se...

sidente da República para "não perder a liberdade". Evita escolher um candidato, mas adianta que "há uma escolha natural, devido à importância de um dos partidos", numa referência a Adalberto Costa Júnior.

A organização – ou o movimento – ainda está num estado embrionário e o líder do BD admite dificuldades: "temos de fazer concertações, de acertar ideias. Todos os partos são difíceis, é preciso tratar dos assuntos com pinças para evitar rupturas". Pelo meio, confessa que sente que "há forças políticas da Oposição que não estão interessadas na plataforma, estão acomodadas, e sentem-se melhor na oposição do que eventualmente no poder". No entanto, não as nomeia.

A propósito do poder, Justino Pinto de Andrade está convicto de que, "como o MPLA comete tantos erros, vai ser mais fácil derrotá-lo agora do que antes".

A plataforma começou a dar os primeiros passos em dois encontros, em que estiveram juntos Justino Pinto de Andrade, pelo BD, Abel Chivukuvuku, pelo projecto Pra-Ja, e Adalberto Costa Júnior, pela Unita. O aparente afastamento dos outros partidos, parceiros da coligação Casa-CE, é desvalorizado pelo líder do BD, que considera que, "quando se começa com 1000, quando se pode começar com 10, é melhor começar com 10, limar arestas para quatro e cinco ideias". Justino Pinto de Andrade garante que não há divergências na coligação e que ele tem a liberdade de se reunir com quem quiser. Mas, promete, quando for para tomar decisões substanciais, vai chamar os outros partidos que compõem a coligação e acrescenta que "uma plataforma é um ajuntamento de ideias e não uma sobreposição de uns sobre os outros".

Como ideias principais para a possível plataforma da oposição, Justino Pinto de Andrade, entre outras, quer que a saúde e a educação sejam prioridades do Estado, sem, no entanto, fechar as portas à iniciativa privada. Para já, recusa os rótulos ideológicos de 'direita' ou de 'esquerda' e, em contrapartida, propõe "um programa integrador, adaptado ao momento que está a ser elaborado", com a convicção de que "não vamos voltar a projectos do passado", defendendo que "há modelos ultrapassados e até o capitalismo se desenvolveu".

Todas as segundas-feiras Angola tem mais...



Assinaturas:

assinaturas@gem.co.ao
comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792

Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda - Angola

Mercados & Negócios

MAIOR PARTE DOS PROJECTOS NUNCA SAIU DO PAPEL

Empreendimentos do Consórcio BPC-ABC abandonados há três anos

FALÊNCIA. Boa parte dos projectos entre o BPC e o ABC não saiu do papel. Poucos erguidos, entre lojas, restaurantes, bares e hotéis, em Luanda e no Bengo, estão encerrados há três anos sem qualquer explicação. Alguns já foram vandalizados. Plano de construção de 170 hotéis com financiamento suíço e britânico morreu.

Por Guilherme Francisco

Já passaram três anos desde que o Consórcio BPC-ABC fechou as portas de todos os empreendimentos em Luanda e no Bengo, sem apresentar qualquer esclarecimento público do projecto gizado no quadro do Programa de Desenvolvimento Estratégico Multissetorial e do Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) 2013-2017.

O projecto entre o Banco Poupança e Crédito (BPC) e o Angola Business Corporation (ABC) ficou paralisado, sem que se saibam os contornos do negócio. Os poucos empreendimentos erguidos, desde restaurantes, bares, talho, peixaria, discotecas, hotéis, salões de beleza, cooperativa de táxi, foram todos encerrados após as eleições de 2017.

Numa ronda feita pelo VALOR, foi possível constatar o estado de abandono e subaproveitamento. Na via expressa, na zona do Kikuxi

próximo à conhecida paragem da Engenvia, encontra-se um dos empreendimentos completamente abandonado. O edifício tem os vidros partidos e outros sinais de vandalização, sem esquecer a vegetação e charcos de água que tomaram conta da parte frontal. Com diversas lojas, defronte ao empreendimento, estão amontoadas várias paletes a apanharem chuva e sol. Segundo frequentadores habituais da zona, o espaço foi aberto em 2017, mas por pouco tempo. “Só sabemos que a empresa faliu. Esteve pouco tempo aberta, havia ainda compartimentos por ocupar”, conta o funcionário de uma oficina nas proximidades.

A poucos quilómetros daí, ainda na via expressa, na paragem da Mutamba, havia um empreendimento do consórcio BPC-ABC. No ano passado, a placa foi removida, o espaço deu lugar a um centro comercial. Já no estádio '11 de Novembro', as lojas, incluindo a cooperativa de táxi, na altura inaugurada pelo então ministro da Juventude e Desportos, José van Dúnem, está de portas fechadas desde 2018. O mesmo aconteceu com outro restaurante localizado no Lar Patriota.



À semelhança, o hotel BPC-ABC, situado na avenida Pedro de Castro van Dúnem 'Loy', com mil quartos e lojas, também se encontra encerrado. Assim como o restaurante, denominado Barça Place, na chamada zona nobre do Alvalade. Ambos, segundo vizinhos, recebem visitas temporárias da direcção do ABC.

No Kikuxi, perto do centro de tratamento de água da Epal, encontra-se o único empreendimento aberto, com alguns funcionários. É o hotel Jenny Kelly. Os demais, no

mesmo recinto, uma discoteca, restaurante, talho, boutique e salão de beleza, estão encerrados há três anos.

Não muito diferente do destino das infra-estruturas da capital, no Bengo, todas estão em completo estado de abandono desde 2018. O investimento estimado em mais de 53 milhões de dólares, empregue na construção de um hotel, farmácia, bar, centro de alimentação, discoteca, centro de emponderamento da mulher e de agricultura, ficou entregue à vegetação.

170 HOTÉIS NO SEGREDO DOS DEUSES

Em 2015, o consórcio representado pelo ex-PCA do BPC, Paixão Júnior, e do ABC, João Paulo Tomás, apoiado pelo então Ministério do Turismo, comprometeu-se a construir 170 hotéis, fruto de um financiamento de 1.265 milhões de dólares concedidos pela financiadora britânica Golden Peaks Capital. A previsão era de concluir todos os empreendimentos nas 18 províncias, até 2017, mas nunca veio a ser cumprida sequer meia dúzia.

Entre os 'segredos dos deuses', também ficou a promessa de criação de 275 mil micro, pequenas e médias empresas a nível nacional.

O consórcio chegou a ter a promessa de financiamento do banco suíço Commerce Bank, em projectos agrícolas avaliados em 15 milhões de dólares.

CONSÓRCIO NÃO FORMALIZADO

Uma fonte ligada à actual direcção do BPC revela que o tão mediático consórcio nunca chegou a ser formalizado, por "não ter seguido uma série de trâmites legais". E que, apesar da participação activa de Paixão Júnior, a relação era de banco e cliente. “Existe uma relação entre o cliente ABC e o BPC”, explica fonte, avançando que, “internamente, se estão a apurar as 'nuances' desse negócio.”

João Paulo Tomás, responsável do ABC, rejeitou sistematicamente dar explicações ao VALOR, alegando, durante duas semanas, "não poder falar sem a permissão da direcção do BPC por se tratar de um consórcio". O mesmo justifica Paixão Júnior, que se recusou a falar sobre o consórcio, com o argumento de já não estar na direcção do BPC. Por sua vez, o banco público responsabiliza o ABC, argumentando que cabe à direcção do ABC prestar esclarecimentos sobre empreendimentos abandonados e presos no papel.

O Angola Business Corporation (ABC) é um dos maiores devedores da carteira de malparado do banco público, cuja dívida foi comprada pela Recredit, em 2019.

Na assinatura do protocolo para a construção de 170 hotéis, de duas e três 'estrelas', entre o ABC e a Golden Peaks Capital, Paixão Júnior assumia o BPC apenas como um "intermediário financeiro" entre aquelas duas entidades.

O BANCO YETO fechou o 2020 com activos de 51,6 mil milhões de kwanzas, com fundos próprios elevados a 16,1 mil milhões de kwanzas e um resultado líquido de 4,1 mil milhões de kwanzas. Em 2020, o banco disponibilizou 4,3 mil milhões de kwanzas ao Prodesi.



NA EXPANSÃO DA MARCA

Oiltec investe mais de 500 mil dólares

No mercado angolano desde o ano passado, com o lançamento do lubrificante TecX Oiltec, a Oiltec investiu mais de 500 mil dólares para distribuir o produto nas 18 províncias através da rede de concessionários OEM, oficinas, garagens e retalhistas. Este ano, espera ter uma facturação superior a quatro mil dólares.

O maior desafio, explica Helivelton Francisco, representante da empresa em Angola, é colocar um "fim à concorrência desleal e aos lubrificantes de origem duvidosa a circular no mercado" que, segundo ele, são "marcas desconhecidas e importadas sem o devido licenciamento, oferecendo um produto de má qualidade, produzido com óleos já usados".

Outro desafio passa pela venda de produtos a preços

para todos os bolsos, diferente das demais multinacionais. "O mercado africano de lubrificantes é o segundo com crescimento mais rápido no mundo, dominado pelas cinco maiores empresas petrolíferas que ocupam cerca de 45% do consumo das vendas totais. No entanto, estas empresas praticam preços muito elevados e posicionam os produtos fora do alcance do consumidor médio. A Oiltec decidiu entrar no mercado angolano para oferecer lubrificantes TecX de alta qualidade a preços 25% a 35% mais baratos do que as maiores petrolíferas", explica Helivelton Francisco.

A projectar a expansão para o sector naval e petrolífero, depois de 'atacar' o automóvel, mineiro e industrial, a empresa saudita avalia ainda a possibilidade de construção de uma fábrica em Angola, que possa servir os países vizinhos.

Por: Guilherme Francisco

CASO DEPÓSITOS SUSPEITOS

BNA multa BFA e iliba administradora

BANCA. Regulador tomou conhecimento, em 2020, de dois depósitos autorizados pela então administradora executiva. Avançou com a acusação de crime de branqueamento de capitais, mas mudou de posição face aos argumentos de defesa. BFA recusa-se a esclarecer.

Por César Silveira

OBanco Nacional de Angola deu "provimento à contestação" da antiga administradora do BFA Maria Manuel

Martins Moreira no processo de contração aberto em 2020 em que a bancária era acusada de incumprimento das normas sobre branqueamento de capitais e financiamento ao terrorismo.

De acordo com informação na posse do VALOR, à Manuela Moreira, no entanto, "foi aplicada a sanção de admoestação registada", tendo o BNA justificado a medida por entender que, enquanto administradora executiva do BFA, tinha "o dever de conhecimento da regulamentação em vigor, políticas e procedimentos nela previstos, inerentes às operações" que deram ao referido processo.

O VALOR apurou ainda que, no mesmo processo, o BFA foi multado em cerca de 80 milhões de kwanzas, mas o banco recusou-se a esclarecer a informação. "Após termos analisado o seu pedido de confirmação/esclarecimento, gostaríamos de dizer que, por norma, o BFA não comenta

informações não oficiais sobre alegadas decisões e/ou comunicações do seu regulador", respondeu o banco.

Na génese do processo, estão as autorizações de Manuela Moreira para a realização de duas operações de depósitos em numerário, em 2017, para a sua conta pessoal e de um cliente nos valores de 21,8 milhões e kwanzas e 250 mil dólares, respectivamente.

O BNA tomou conhecimento dos referidos depósitos em Julho de 2020, através de um comunicado do então vice-presidente do BFA, António Domingues. As operações, entretanto, foram, ainda em 2017, alvo de tratamento interno e o processo arquivado pelo então conselho de administração do banco por ter entendido que não existiam factos relevantes.

Ao tomar conhecimento, o BNA considerou, no entanto, que "constatou-se que a sra Maria Manuela Martins Moreira violou em acto contínuo o disposto na Lei nº 34/11, de 12 de Dezembro, conjugado com o aviso 22/2012, de 25 de abril, punível nos termos da alínea i) artigo 152 da lei nº 12/15, de 17 de junho, Lei de bases das instituições financeiras".

O referido artigo, no caso o 152 da Lei de Base das Instituições Financeiras, trata das contrações especialmente graves, prevendo multas

que oscilam entre os 300 mil e os 500 milhões de kwanzas.

Segundo a informação na posse do VALOR, a defesa da então administradora solicitou, entretanto, a "nulidade da nota de acusação". Entre os argumentos, a defesa declarou que "as operações bancárias" foram "justificadas no extremo" e que "por isso não violaram a Lei nº 34/11 de 12 de Dezembro e a alínea i) do artigo 152 da Lei nº 12/2015, de 17 de Junho – Lei de Bases das Instituições Financeiras".

Defendeu ainda que "ao pretender-se aplicar qualquer sanção", esta devia ser canalizada ao banco, enquanto "único beneficiado com as operações".

"A ser verdade que o BFA apresentou deficiências consideráveis nos procedimentos de Know Your Customer e Customer Due Diligence, impactando negativamente no sistema de prevenção ao branqueamento de capital, a responsabilidade nunca foi da defendente", escreveu ainda a defesa de Manuela Moreira.

Face à decisão, segundo fonte do Banco Central, Manuela Moreira, que pediu demissão na sequência do escândalo, está livre para exercer actividade bancária, o que não seria possível se a acusação inicial se mantivesse.



DE JURE



Antónia Florbela de Jesus Rocha Araújo, provedora de justiça adjunta

SEGUNDO A PROVEDORIA DE JUSTIÇA

Insuficiência dos transportes entre as principais reclamações

DENÚNCIAS. Provedora justifica frequência ao órgão com o facto de os cidadãos não terem, muitas vezes, capacidade financeira para litigar em tribunais.

Por Redação

A segurança rodoviária, ferroviária e marítima, assim como a insuficiência dos transportes públicos em Luanda, que não permitem observar o distanciamento em época de pandemia,

estão entre as principais queixas que a Provedoria da Justiça recebe.

Segundo a provedora de justiça adjunta, Florbela Araújo, essas denúncias, na maioria relacionadas com questões fundiárias, acontecem sem o cumprimento dos pressupostos por parte das autoridades.

Durante uma mesa redonda sobre 'Engajamento dos órgãos da administração pública central e local do Estado com o provedor da justiça e o dever de cooperação',

no quadro da semana da Provedoria da Justiça em alusão aos 16 anos do surgimento do órgão, Florbela Araújo avançou que estas questões estão também com a inscrição e legalização de prédios rústicos e urbanos que têm desembocado em conflitos, como as demolições ligadas à problemática de concessão de títulos juridicamente relevantes e as situações de realojamento e reassentamento de cidadãos.

De entre outras, a Provedoria

da Justiça recebe ainda reclamações sobre o risco permanente de despejos e a burocracia excessiva nos processos de cadastro.

A problemática ambiental a nível nacional e local, os danos provocados em decorrência de derramamento de petróleo ou poluições análogas, os problemas estruturais de natureza social e a situação dos resíduos sólidos, constituem igualmente preocupações que chegam àquele órgão de justiça.

Não menos importante e que também chama atenção da provedora adjunta são as condições dos reclusos nos estabelecimentos penitenciários e celas de trânsito, os excessos de actuação dos agentes da polícia relativamente ao uso desproporcional de meios coercivos e o problema na morosidade no tratamento dos processos laborais, civis e criminais.

RESPEITO À DEFESA DOS DIREITOS DAS LIBERDADES E DAS GARANTIAS

Diante do actual cenário de queixas, a provedora Florbela Araújo defende ser "fundamental" compreender que as solicitações de esclarecimento e recomendações, bem como as visitas de constatação sejam sempre encaradas e enquadradas no cumprimento da Constituição, sobretudo no que diz respeito à defesa dos direitos das liberdades e das garantias dos cidadãos.

A responsável judicial reconhece que a frequência à Provedoria de Justiça é pelo facto de os cidadãos não terem, muitas vezes, capacidade financeira para litigar em tribunais, em processos que não só são "morosos", mas também "mais complexos".

Visitas à Maternidade Lucrecia Paim, a unidades penitenciárias e deslocações ao Bengo, Lunda-Norte, Malanje e Kwanza-Norte vão marcar a semana da Provedoria da Justiça.

PROGRAMA TELEVISIVO “UNDERCOVER BOSS”

‘Chefe secreto’ abre janela para o que acontece nas bases da empresa

LIDERANÇA. Programa televisivo que foi para o ar pela primeira vez em 2009, na Inglaterra, e um ano depois nos EUA, nasceu da ideia de pôr os gestores de topo e fundadores de grandes empresas em contacto directo, e sem o filtro do receio da chefia, com os seus colaboradores de base para ver in loco o que se passa na empresa que dirige. E este pode ser um bom exemplo e ferramenta de gestão bem-sucedida.

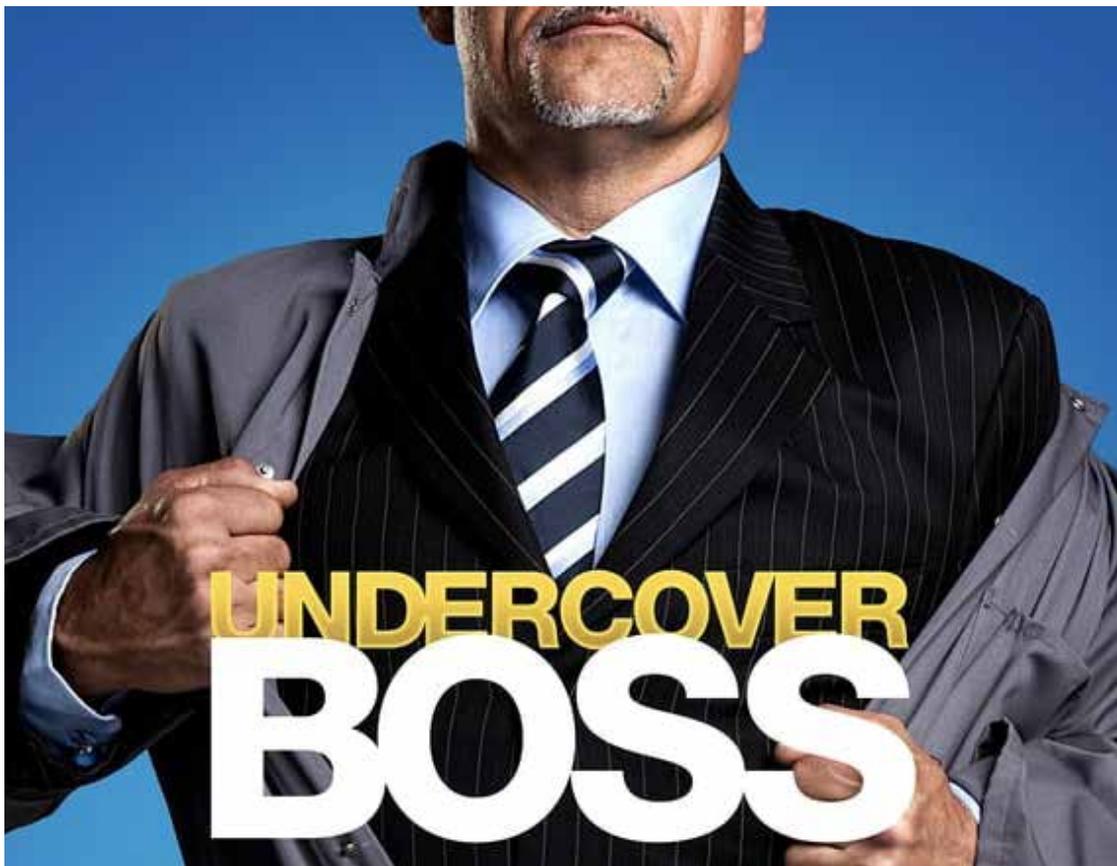
Por Redação

O programa criado por Stephen Lambert é em si mesmo um exemplo de gestão, já ganhou dois

Emmys e tornou-se numa franquia com presença em vários países e com várias séries no mesmo formato.

O CEO, fundador ou responsável da empresa, sob o disfarce de estar num programa de formação filmado, vai reentrar para a empresa que dirige pela posição mais básica, vai pedir formação aos trabalhadores que se encontram nessas bases como um simples aprendiz e vai passar tempo com eles a ouvir em primeira mão, o que realmente pensam sobre a empresa, como tratam os clientes, quais são as suas queixas, como foi a formação que receberam, e sobretudo, até que ponto vestem a camisola da empresa em que trabalham verdadeiramente. É uma janela que permite aos CEOs enfrentarem a franqueza dos seus funcionários sem filtros.

Essa janela por vezes mostra funcionários exemplares que motivam os chefes a continuar a investir na empresa, por vezes mostram áreas que precisam de



alterações de gestão ou de investimento, como por exemplo até que ponto os programas de atendimento ou de formação são funcionais, e por vezes expõem os CEOs a críticas cruas à sua gestão e aos erros de casting da sua empresa.

Num episódio a CEO de uma empresa que passou uma semana com os seus funcionários, disfarçada de estagiária, percebeu que um dos seus funcionários

mais antigos ia perdendo a audição e apesar de já estar na idade de reforma não se podia reformar por não ter receita suficiente assegurada. A chefe, depois de revelar que não era estagiária, mas dona da empresa, criou um fundo para a reforma do funcionário, quando a quisesse e ofereceu-lhe um aparelho auditivo que deixou os dois em lágrimas. Muitas vezes os CEOs são expostos a dificuldades económicas

profundas dos seus funcionários com salários mais baixos e resolvem pagar os estudos dos seus filhos e promovê-los dependendo do grau de domínio das actividades e do empenho que demonstraram ao “estagiário”.

Outras vezes acontece o contrário. O CEO da marca O’Neill que se internacionalizou pelos seus produtos virados para os surfistas, Toby Bost, ouviu de um funcionário “sou preguiçoso, mas sei como arranjar marijuana se tiveres interessado”. E um outro dono de uma cadeia de armazéns de venda de materiais diversos para arranjos disse ao chefe que lá estava apenas para conseguir os números de “miúdas que entravam na loja” e assediou diversas clientes que lá entraram perante a perplexidade do chefe. Outro ainda passou o dia a ensinar à “estagiária” disfarçada como maltratar os clientes sem que eles percebessem e a ridicularizar as formações que insistiam no lema “o cliente tem sempre razão”. Os chefes secretos são expostos a de tudo um pouco e esse aprendizado é precioso para perceber se a equipa é funcional, para corrigir o que não funciona, para criar empatia com os funcionários, perceber se a cultura da empresa idealizada passa através das suas estruturas e o que fazer para melhorar.

O que iria descobrir na sua empresa?

MEMORIZE

- O CEO da marca O’Neill que se internacionalizou pelos seus produtos virados para os surfistas, Toby Bost, ouviu de um funcionário “sou preguiçoso, mas sei como arranjar marijuana se tiveres interessado”.

(In)formalizando



PRIMEIRA MOEDA DIGITAL ANGOLANA

Yetucoin fecha primeira fase com ganhos de 130 mil dólares

A primeira criptomoeda angolana, denominada Yetucoin, da 'startup' Yetu Bit, fechou a primeira fase com ganhos de 249 BNB, equivalente a 130 mil dólares, embora o esperado fossem ganhos de 500 BNB.

A primeira fase, iniciada em Janeiro, foi de investimento, em que a moeda custou 35 kwanzas, tendo registado depois uma subida de aproximadamente para o dobro. A apresentação oficial da moeda digital está programada para 20 de Junho e a venda estará aberta ao preço de dois dóla-

res para qualquer interessado, desde que disponha de um 'smartphone' ou computador. Até ao final do ano, vai custar sete dólares.

Euclides Manuel, fundador da empresa, assegura estar acautelada a conversão do Yetucoin em dólares e euros o que vai permitir a compra de bens e serviços em qualquer parte do mundo. Entretanto, espera ajudar as autoridades angolanas no processo de regulamentação das criptas, bem como encontrar alguma flexibilidade no uso. "Não temos lei específica sobre cripto activos, estamos abertos para ajudar a Comissão de Mercados de Capitais e

o Banco Nacional de Angola", predis põe-se, mencionando que as moedas digitais "vão ajudar significativamente na inclusão digital".

"É uma forma de inclusão financeira das comunidades. Os angolanos poderão fazer investimentos e depósitos a prazo. É uma forma de recuperar a economia do país e dos angolanos terem uma renda passiva."

Com menos de seis meses de criação, a moeda tem 30 mil seguidores no Twitter, 36 mil membros no grupo oficial do Telegram, 260 membros na Comunidade do Reddit e já fez uma parceria com a VinDax Exchange para listagem da Yetucoin.

INCENTIVO AO EMPREENDEDORISMO

BNA incuba 10 startups de Fintech

O Banco Nacional de Angola (BNA), através do seu Laboratório de Inovação do Sistema de Pagamentos de Angola (LISPA), numa parceria com o Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação, seleccionou 10 star-

tups, das 46 concorrentes, com soluções fintech de diferentes sectores do sistema financeiro, para integrarem a nova turma do Programa de Incubação Fintech.

Durante dez meses, os fundadores e membros das empresas iniciantes serão capacitados em várias matérias no sentido melhorarem a ideia de negócio, bem como conta-

rão com acompanhamento de mentores. Posteriormente, a última etapa será a apresentação pública dos projectos à sociedade e potenciais investidores.

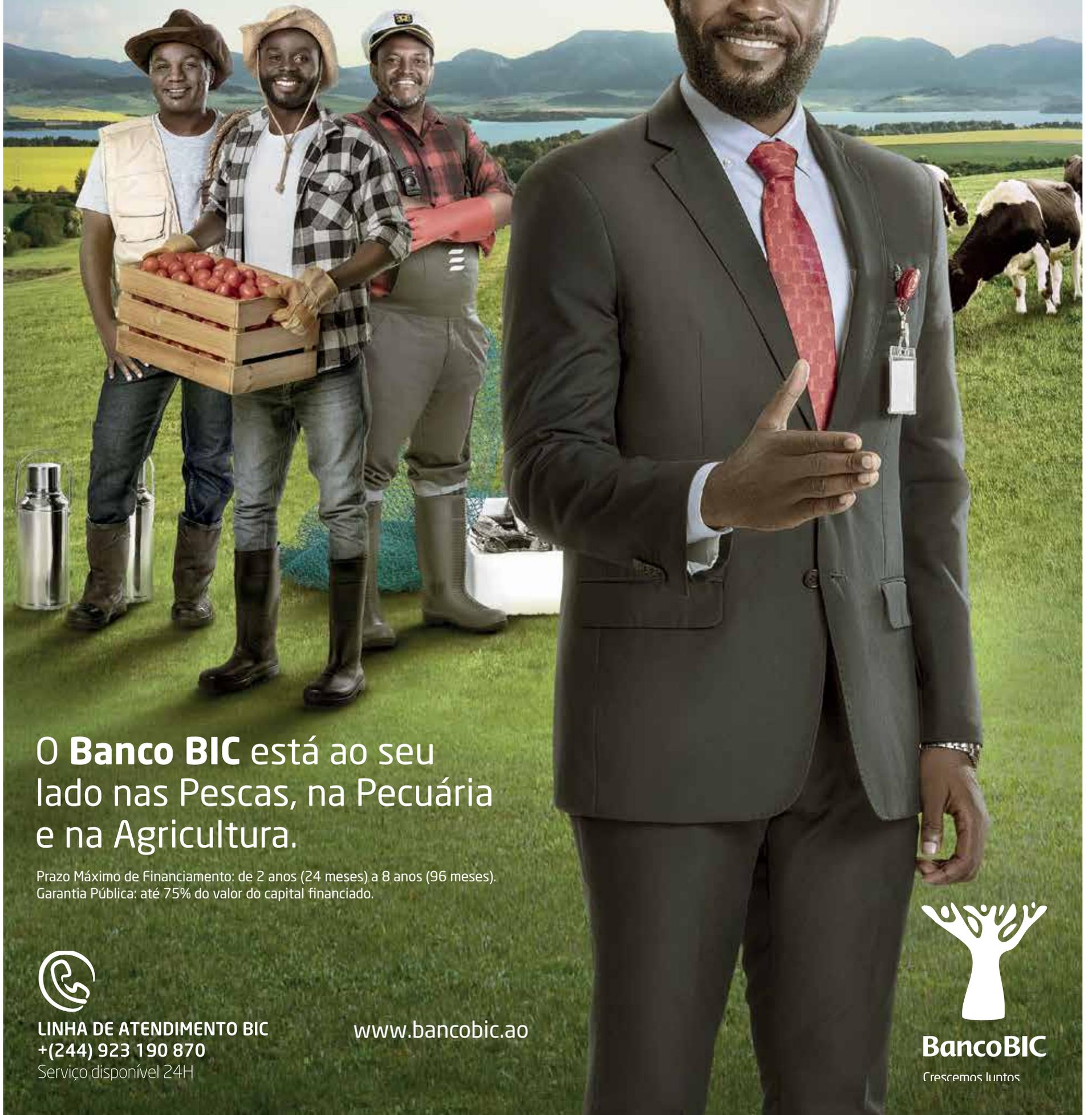
Com já três edições, o Programa de Incubação Fintech tem como objectivo de impulsionar novos talentos, estimular o empreendedorismo e promover a inovação na indústria financeira.





15
anos

**PRODUZIMOS JUNTOS,
CRESCEMOS JUNTOS.**



**O Banco BIC está ao seu
lado nas Pescas, na Pecuária
e na Agricultura.**

Prazo Máximo de Financiamento: de 2 anos (24 meses) a 8 anos (96 meses).
Garantia Pública: até 75% do valor do capital financiado.



LINHA DE ATENDIMENTO BIC
+(244) 923 190 870
Serviço disponível 24H

www.bancobic.ao



BancoBIC
Crescemos Juntos

Opiniões

Tecnologia para o meu amigo d. Tirso bassular a desmatação do “moxico dele”



Celso Malavoloneke, docente e jornalista

para fazer as colmeias deixam de produzir aquele mel docinho do Moxico que toda a gente aprecia e acabam por morrer; a sombra para as pessoas e os animais baza; as nuvens, sem o beijo das folhas para a fotossíntese, deixam de chorar a chuva; as culturas secam e o povo – esse povo que D. Tirso tanto ama – passa fome.

Contou-me ele que uma vez que foi falar com o Governador Muandumba a cobrar “pukadukê o nguvulu não dá um stop nesse abuso?” e esse disse que não tem guardas em número suficiente para controlar todo aquele mundo de florestas que o Moxico tem. E o Bispo, não muito convencido, ficou a mattutar na cachimónia dele como ajudar o amigo dele nguvulu Muandumba a resolver esse problema que lhe tira o sono de verdade.

Eu nem tanto. Mas amigo do meu amigo Excelência que tem Reverendíssima, “tomei boa nota e fiquei com a preocupação” no fundinho da minha cachola. É por isso que me chamou atenção aqui há dias uma notícia que

O meu amigo D. Tirso nisso até é bem craque. Vejam que anda a ensinar os catequistas a consultar a Bíblia em Luvale no Ipad, baixada da internet.

dizia que lá na China, a Rainforest Connection e a Huawei projectaram tecnologia que alerta os guardas florestais da presença de madeiros ilegais tipo uns chinocas – e não só! – que andamos a ver por aí..

E como é que isso funciona? Pegam em telefones velhos (Huawei, claro!) ligam-nos a baterias solares e colam-nos em algumas árvores estrategicamente posicionadas. Os “Camás” gatunos da madeira chegam com aquelas serras e começam a cortar. Os telefones captam o som, mandam para uma central com as coordenadas de GPS e quando os bandidos se assustarem... já está! Os Bongós estão em cima deles e levam todos pró kuzú! É que, esses “zótrus” foram mais espertos que nós: como também não têm gente suficiente para guardar as suas flo-

restas que são tão grandes como as nossas (ou talvez mais, não sei) desenvolveram uma plataforma que inclui dispositivos de colecta de dados, serviços de armazenamento e análises inteligentes. Não há magala que lhes aldraba. Meze numa árvore... o telefone escondido com a tecnologia dentro lhe queixa na hora, chegam os bongós e kuzú com eles. Pronto!

E tem mais. Falei com um meu amigo da Huawei e ele disse que o sistema também pode, como um bónus, recolher e analisar sons de animais para ajudar os biólogos a estudar espécies ameaçadas. Até agora, o sistema foi implantado em 10 países, cobrindo 6.000 quilómetros quadrados de floresta tropical e funciona. Já estou a ver os meus amigos da Universidade Católica, aqueles que criaram santuários em Cangandala para a Palanca Negra Gigante, sentados no gabinete do meu avilo Padre Magnífico Reitor Vicente Cacutchi a ouvirem os mééé-mééé das palancas deles a comerem o capim delas em Malanje...

Makas com as novas tecnologias de informação e comunicação? Nada, o meu amigo D. Tirso nisso até é bem craque. Vejam que anda a ensinar os catequistas a consultar a Bíblia em Luvale no Ipad, baixada da internet. Portanto, o nosso D. Tirso do Lwena está aviado nessa parte. Tenho só é que levá-lo aos meus amigos da Huawei para lhe “emprestar” uns telefones velhinhos, enfiarem neles a bateria solar mais a tal “tecnologia que queixa” e já estou a ver o meu amigo Bispo todo contente a caminho do gabinete do nguvulu Muandumba com a solução que encontrei para ele...

E a conectividade ao longo das florestas?... Disso já falei, mas posso mbôra outra vez repetir... para a próxima!

O meu amigo D. Tirso Blanco, o argentino mais luvale do planeta, aportou às terras de Nhatatolo há exactos 25 anos. Chegou jovem padre a Luena, logo no aeroporto um cuemba quis kassumbular a bina dele. Alguém não deixou e ele ri até hoje. Sempre a rir aguentou a guerra com o povo, andou o Moxico todo, carregou paus para fazer pontes, cumprimentou os buracos todos daquelas estradas, enterrou o jipe no lamaçal, aprendeu a falar luvale e ficou Bispo. Amigo de todos, o filho alheio ri com toda a gente. Se lhe abusam, ele nem liga. Fituca às vezes quando os bandidos assaltam as igrejas e roubam até as hóstias, mas com aquele coração que tem, logo passa. O meu amigo Bispo D. Tirso, que anda descalço e anda na kibula do candongueiro quando o seu carro dá o berro na estrada, é amigo de todos, filho alheio...

Mas há uma coisa que, tirando os pecados da malta, tira mesmo do sério o bom do Bispo: a exploração ilegal da madeira. Mês sim, mês também, no Facebook dele põe fotografias de camiões carregados de madeira bem à luz do dia. Também tira fotos de campos devastados quase uns desertos, com as árvores todas cortadas, quilómetros e quilómetros dessa desgraça. As abelhas que ficam sem flores para extrair o pólen nem troncos



“As empresas que vão ser colocadas em bolsa através da forma de IPO têm de se preparar para uma operação de elevada complexidade...”

	2621	2571	1186	1462	1446	2514	1029	8227
	1143.89	1041	-13	+18	-21	+18	-97	-08
TKY	95.37	-181	2492/T	2514/T	2528/T	2534/T	2541/T	2553/T
40 TP	7865.20	-51.50	TKY	TKY	TKY	TKY	TKY	TKY
	142.30	136.89	2312	1651	1067	1929	27112	1721
	1991	-9.67	-09	-13	-32	-98	+65	-34
NY	37280	+1.89	4519/T	4542/T	4598/T	4602/T	4630/T	4698/T
5.7 TP	897.56	892.16	NY	NY	NY	NY	NY	NY
	351.79	326.51	1891	2019	1678	1254	1008	5761
	2312	-20.14	-25	-42	+16	-54	-12	-34
UK	31.25	29.45	1834/T	1865/T	1887/T	1899/T	1903/T	1905/T
TP	98	902.98	UK	UK	UK	UK	UK	UK
	21.03	10879	10	17	27	27	27	25
	+98.40	-	-	-	-	-	-	-
	865.96	2589	26	26	26	26	26	26
	190632	19	18	19	19	19	19	19
	9456	18	18	18	18	18	18	18

O PROPRIV, o 'radar' dos investidores e a Bolsa de Valores



António Oliveira,
Partner, EY



Jorge Moreira,
Manager,
EY Angola

paração adicional de algumas empresas antes de serem privatizadas. O Propriv tem tido o mérito de colocar Angola no radar dos investidores internacionais e emitir um sinal inequívoco da aposta do país numa economia mais alicerçada no sector privado.

Muito se tem falado sobre a insuficiente qualidade do relato financeiro de uma fatia importante das empresas elencadas para o Propriv. Todos sabemos o quão importante seria que estas empresas fossem todas auditadas e que exibissem práticas sofisticadas de relato financeiro. Contudo, uma parte significativa das empresas, tidas como de 'referência nacional', apresentam, efectivamente, contas auditadas. Porém, estas mesmas contas auditadas tendem a evidenciar algumas fragilidades no relato financeiro, o que em nada contribuem para a confiança dos investidores privados. Embora esta seja uma problemá-

tica relevante com frequência, os investidores preferem antecipar o futuro mais do que focar-se no passado, razão pela qual o tema do 'doing business' assume particular importância, sobretudo em economias como a angolana.

Naturalmente, a falta de confiança dos investidores no relato financeiro das empresas não joga a favor do êxito das transacções. Mas há formas de mitigar esta fragilidade. Processos de validação do 'deve e haver' do passado deverão ser complementados com a identificação de condições de negócio futuro 'amigáveis' e suficientes para despertar o apetite dos investidores privados. Uma vez mais, estamos a falar do 'ambiente de negócios' e das necessárias reformas que estão em curso, as quais muito ditarão o maior ou menor êxito do programa de privatização. Será, certamente, este despertar de interesse junto dos investidores privados

que tenderá a tornar a privatização financeiramente ganhadora para os cofres públicos.

Por outro lado, tal como está a ser implementado, o Propriv não parece que se esgote num mero exercício de arrecadação de receita para o Estado. Para além desta dimensão financeira, de inegável relevo, as privatizações encerram uma oportunidade única de injectar 'know-how', tecnologia, gestão e vocação internacional a muitos negócios e, por consequência, garantir a competitividade, viabilidade económico-financeira, sustentabilidade social e ambiental e a criação de emprego (qualificado) e de riqueza.

Com efeito, o Propriv tem revelado cuidados com a transparência com que tem endereçado o tema, assim como na escolha dos investidores-alvo.

Parece claro que Angola procura um perfil de investidor que não tenha apenas uma carteira

recheada, mas que possa acrescentar gestão, capacitar e sofisticar as empresas e acrescentar competitividade ao tecido empresarial. Talvez mais importante do que o encaixe financeiro, que pode resultar da venda de participações no capital social destas companhias, está a oportunidade de viabilizar empresas, criar emprego e riqueza, o que só é possível através do envolvimento dos investidores com o ADN adequado.

Como corolário, os investidores, sobretudo internacionais, mostram-se particularmente sensíveis ao esforço do Executivo de promoção e de credibilização do país além-fronteiras. Mas a pandemia acabou por colocar grande parte das 'démarches on hold'. É fundamental, entretanto, que o país não dê sinais contraditórios para o mercado, que a veia reformista do país não esmoreça e que o programa de privatizações avance, ainda que com atrasos, de forma a não comprometer a confiança dos principais 'stakeholders'.

O Propriv vai ter responsabilidades evidentes na dinamização do mercado de capitais, seja por conta de diversas operações de privatização que estão previstas que ocorram através de IPO, seja por força da privatização da própria Bodiva, a qual está prevista ocorrer através de IPO.

As empresas que vão ser colocadas em bolsa através da forma de IPO têm de se preparar para uma operação de elevada complexidade, a qual pode implicar a mudança do paradigma negocial, organizacional e até mesmo obrigar a repensar a cultura corporativa. Qualquer empresa cotada passará a estar sujeita a requisitos suplementares de 'reporting', transparência, 'compliance', escrutínio por parte de investidores e analistas e, acima de tudo, de compromisso adicional com o cumprimento das respectivas estratégias.

Neste contexto, estimuladas pela perspectiva de Angola passar a ter uma bolsa de valores dinâmica e com liquidez, algumas das maiores empresas privadas angolanas estão também a preparar-se para a corrida ao mercado de capitais, olhando para o IPO como uma oportunidade de excelência para acederem a novas e melhores fontes de financiamento.

O Propriv é um programa ambicioso e extremamente importante para o país, mas que enfrenta um 'delay' significativo face aos 'timings' inicialmente previstos, muito por conta da covid-19, mas também pela necessidade de pre-

Opiniões

E agora pergunto eu...



Geralda Embaló
Directora-Geral
Adjunta

Depois de várias semanas a falar do lixo, vou evitá-lo, até porque já basta o que está nas ruas aos montes, e focar na actualidade mundial na semana que passou, que foi marcada por diferentes reviravoltas do foro político, do foro económico que anda sempre atrelado ao político, e do foro jurídico e político (que acontece sobretudo quando se mistura política e justiça, duas esferas que pede a higiene que se mantenham bem separadas).

A reviravolta mais relevante, e que é do foro político e económico, será provavelmente a notícia de que Joe Biden, o presidente dos EUA, finalmente vai pôr um fim à guerra no Afeganistão que conta vinte anos. A mais longa guerra em que o país alguma vez se envolveu. Obama tentou e desfez, mas Biden quer começar a retirar tropas em Maio.

Um ponto final em duas décadas de presença americana e da Nato, que geralmente segue as deixas da nação mais poderosa do mundo, significa que perto de 10 mil tropas vão desmobilizar numa guerra que custou nada menos do que dois triliões de USD aos EUA, 12 zeros que explicam os tais interesses políticos que andam de braço dado com os económicos. Depois de gastarem rios de dinheiro e causarem mais de 40 mil mortos, poucos ganhos têm os investidores na guerra para mostrar, já que o objectivo de combater a Al Qaeda parece ter até ter aumentado o domínio terrorista na região.

A decisão é um desfazer da política belicista, mas que pode levar a perguntar “para onde se vão deslocar esses interesses a seguir se dali já não saem mais contratos?” Esperemos não ver novas guerras no horizonte...

Saindo dos EUA mais para Sul,



no Brasil, Lula da Silva, depois de passar 580 dias na prisão, viu anuladas todas as acusações que lhe fizeram e, esta semana, o tribunal rejeitou o apelo da procuradoria contra a anulação. Sérgio Moro, que Lula descreveu como o canalha que o julgou, escreveu no Twitter que não responde a criminosos presos ou soltos, no entanto, o que fica de facto da saga de Lula, mais do que se é criminoso ou não, é que as acusações colaram por motivações políticas e que não havia provas concretas da corrupção de que Lula era acusado. Moral da história: não se acusa sem provas. E, por causa disso, Lula pode agora concorrer novamente à presidência da República e provavelmente vai ganhar se concorrer numa reviravolta bem de novela.

Mudando de continente, em Portugal, na semana toda, foi de rodaviva em torno do veredicto do juiz que ilibou o antigo primeiro-ministro José Sócrates de crimes de corrupção num processo gigantesco com vários actores e com mais de

180 alegados crimes financeiros e que se arrastava há vários anos (de tal ordem que alguns dos crimes prescreveram).

Já há uma petição contra o juiz porque não condenou Sócrates, mas novamente a moral da história é quenão se acusa sem provas. Fica sobretudo um balde de água fria na acusação e nos acusadores que operam na lógica do “é obvio que ele é malandro, vê-se que ele é malandro, vamos acusar que há-de pegar” que se tornou moda.

É por isso que a justiça deve ser cega e operar dentro de normas, acusar com provas e não com base no que acha que vê nas aparências, e na capacidade de pressionar para uma condenação. “Tem vida de rico só pode ser malandro”... Pode ser, mas a justiça só é justa quando julga com provas.

De resto, o facto de apesar da pressão da opinião pública para condenar, o juiz ter tido a força de dizer “não tenho provas, não tenho condições de condenar” diz muito da independência e maturidade da

que o poder político decidiu que podem ser acusados de corrupção (porque há os que não podem) têm provas concretas ou operam na base do vamos acusar que há-de pegar?

As reviravoltas acontecem. Mas enquanto não acontecem, esses julgamentos com base em acusações sem provas têm custos. Alguns mais visíveis da própria estrutura de justiça e outros como o pagamento de hackers e de espões. Mas há outros custos não tão visíveis, mas provavelmente mais caros como a destruição de empresas e de milhares de empregos enquanto as acusações se arrastam... Sobre isto e já depois de esta opinião ir para o ar, li o texto condoído do jornalista veterano William Tonet, que narra o suicídio de um dos profissionais do banco Xikila (fechado pelo Governo), pai de família, formado fora, com bolsa da nossa Sonangol, num desperdício doloroso e perda irreparável para a família.

As reviravoltas acontecem, mas enquanto não acontecem espalham muita desgraça. Quanto for altura de se ajustarem todas essas contas, quem terá perdido mais? Os acusados? Quem acusa? Ou o país?

O juiz do caso Sócrates disse que o processo que avaliou provocou grande ressonância na comunidade, com julgamento rápido e fácil, com vastos prejuízos para a investigação e criticou, sobretudo, a “onda de populismo, muito comum nos tempos de correm”.

O aproveitamento e incitação a esse populismo são sempre sinal de retrocesso civilizacional. O mesmo populismo que foi incentivado para, por exemplo, levar populares a quase apedrejar o carro em que seguia o agora recuperado Norberto Garcia, quando foi acusado de corrupção num desses processos com provas duvidosas, e que viu a sua reputação ser linchada em público por esse “julgamento fácil”, é o mesmo populismo que leva à violência que expulsou o representante do CNJ da manifestação contra os preços das propinas em Luanda. E se não fossem seguranças e afins, colocado frente a hordas de populares picados pelo populismo do “se é rico, é malandro”, qualquer um dos nossos governantes poderia estar exposto à violência. Populismo é sempre mau, e políticos que o manejam e que se aproveitam dele, geralmente, são piores.

E a reviravoltas, querido leitor, não faltam exemplos, podem tardar, mas acontecem.

As reviravoltas acontecem, mas enquanto não acontecem espalham muita desgraça. Quanto for altura de se ajustarem todas essas contas, quem terá perdido mais?

justiça portuguesa. E agora pergunto eu, em Angola, que juiz iria contra as pressões que vêm de todos os lados? Que vêm da opinião pública, muitas vezes, influenciável ou inquinada e sobretudo do poder político? Que juiz iria contra o próprio presidente que usa os casos de corrupção para cumprir a sua agenda populista?

Com assinaturas de Bruce Lee pelo meio, as acusações contra os



Jornal Valor Económico

Visite o site www.valoreconomico.co.ao

Regista-te



Edição 254 Likes 686 Partilhas 70

A edição 254 do Valor Económico que contava entre outros temas sobre falta de cenouras que está a gerar uma guerra entre Ministério do Comercio que implementou restrições à importação para incentivo à produção nacional e os supermercados que importam para o mercado nacional, foi comentado por muitos internautas do Grupo dos Gestores & Empreendedores Angolanos no Facebook. A edição chegou a perto de 100 mil internautas e obteve mais de 12 mil interações na página do VE.

Os comentários são selecionados segundo critérios que visam reflectir a diversidade e qualidade de opiniões sobre os temas do Valor Económico.

Gralhas e discussões personalizadas são editadas para publicação.

Leia na íntegra em www.valoreconomico.co.ao

Facebook/Comentários



Eduardo Cussendala

Não há cenoura no mercado nacional e o MINCO não aceita a importação nesta fase. Abre caminho para a especulação.



Jotta VF

Nunca falha...a procura e oferta quando se desequilibra, a especulação diz presente.



Marco Peter Almeida

Eduardo Cussendala Abre caminho para a... fome! Hoje é a cenoura, amanhã o que será?



Miguel Vieira

Eduardo Cussendala Gerir mercados por decretos



Amilcar Peres

Já se sabia q íamos passar por esta fase de "desmame". Em vez de pedir p se importar, que se criem mais formas de aumentar a produção local e de forma mais resiliente.



Alexandra Gomes

Amilcar Peres Quando se põe a carroça à frente dos bois, o resultado é este..



Amilcar Peres

Alexandra Gomes Sim e não. Sou a favor de se dar força a produção nacional. E não há transições perfeitas e nunca em 1 só ano. Portanto devemos fazer sugestões sobre onde melhorar. Os outros países tb passaram por situações difíceis. Temos e de remar na mesma direcção. Insistir mas de forma positiva, com sugestões, com provas. No próximo vamos ter mais cenouras mas vai faltar outra coisa até o dia que se equilibrar.



Alexandra Gomes

Precisamente. Mas as ideias já foram dadas gratuitamente. Aliás, aqui neste grupo nunca faltaram ideias para "melhorar e corrigir". Esperemos q algum dia nos oiçam



Eduardo Cussendala

Amilcar Peres Não é uma questão de "desmame", mas uma questão de planeamento e coerência. Não é correcto, mas é compreensível haver restrições na importação para proteger a produção nacional, mas quando há produção disponível. Não é correcto restringir as importações quando não há produção nacional. A cenoura é importante para a dieta alimentar dos angolanos



Eduardo Cussendala

Caro Ivan Passos, a escassez de cenoura não está ligada a vias de de comunicação. A cenoura é um tubérculo, e como todos os tubérculos, há dificuldades na sua produção em tempos de chuva, e Angola não é uma exceção nesta época do ano. Não é um fenómeno novo, é cíclico e acontece este ano, como tem acontecido todos os anos.

As fazendas NOVAGROLIDER e PLUMP que são as maiores e mais bem equipadas fazendas de Angola e talvez entre as melhores de África, têm produzido Cenoura com a qualidade e em quantidades que suprem as necessidades do mercado Angolano por pelo menos 7 a 8 meses do ano, mas neste fase do ano, simplesmente não conseguem produzir por causa das intensas chuvas que caem sobre as áreas de cultivo, e não por falta de vias de acesso ou comunicação.



Ivan Passos

Eduardo Cussendala Compreendo completamente, mas isto é cíclico e por decreto pode-se levantar as restrições. Mas sem uma distribuição funcional o preço será sempre pouco competitivo. Não posso pedir a quem vai buscar os produtos que me de um preço sem contar com riscos e custos inerentes ao péssimo estado das vias. Temos outras fazendas e pequenos produtores que não conseguem escoar os seus produtos e se o fizessem nós estaríamos a comprar certamente produtos mais baratos! E também não podemos continuar só a depender das mesmas fazendas, parece o monopólio da construção, assim não conseguimos ter um país mais equilibrado.



Ivan Passos

Eduardo Cussendala Concordo plenamente, que se de mais e melhor acesso a créditos e que se melhorem as vias, criem benefícios fiscais a cooperativas e pode ser que alguns pequenos se consigam organizar. Até la estamos à mercê de tudo

Para receber o VALOR todas as semanas, basta enviar o seu e-mail para 941784791 / 2

Contribua para manter o jornalismo de qualidade.

GEM Angola Global Media, Lda

**Iban:
0051 0000 7172
9933 1512 7**

Covid-19



VACINAS DA BIONTECH/PFIZER

UE recebe 600 milhões de doses

A Comissão Europeia (CE) anunciou que decidiu activar a opção contratual para mais 100 milhões de doses da vacina da BioNTech/Pfizer contra a covid-19, prevendo que a União Europeia (UE) receba 600 milhões de unidades este ano.

A divulgação foi feita pela comissária europeia da Saúde, Stella Kyriakides, através de uma publicação no Twitter.

Assim, “um total de 600 milhões de doses será entregue à UE em 2021”, acrescentou a

responsável pela tutela.

Stella Kyriakides garantiu ainda que Bruxelas vai “continuar a trabalhar incansavelmente para assegurar que as vacinas cheguem rapidamente aos cidadãos” da UE.

A campanha de vacinação da UE tem sido marcada por atrasos na entrega de vacinas por parte da AstraZeneca e agora da Janssen (grupo Johnson & Johnson), depois de terem sido registados casos raros de formação de coágulos sanguíneos após a

toma de ambos os fármacos.

Na passada quarta-feira, o executivo comunitário anunciou a mobilização adicional de 50 milhões de doses de vacinas contra a covid-19 da BioNTech/Pfizer para este trimestre, elevando para 250 milhões o total para entrega neste período, após problemas com o fármaco da Janssen.

A vacina da BioNTech/Pfizer, assente na tecnologia do ARN mensageiro, tem sido a principal escolha de Bruxelas para fazer face

aos contratemplos na campanha de vacinação europeia, querendo o executivo comunitário que sejam também estas farmacêuticas a desenvolver vacinas contra as novas variantes para a UE, num total de 1,8 mil milhões de doses para 2022 e 2023.

Actualmente, estão aprovadas quatro vacinas na UE: Comirnaty (nome comercial da vacina Pfizer/BioNTech), Moderna, Vaxzevria (novo nome da vacina da AstraZeneca) e Janssen.

PARA 3 PAÍSES

Macau impõe quarentena de 28 dias

Macau começou a impor uma quarentena de 28 dias a viajantes provenientes da Índia, Paquistão e Filipinas, justificando a medida com o agravamento da pandemia naqueles países.

“Nessas regiões, a situação epidémica agravou-se”, disse a coordenadora do Núcleo de Prevenção e Vigilância da Doença do território, Leong Iek Hou.

A medida, que se aplica às pessoas que tenham estado naqueles países nos 28 dias anteriores à entrada em Macau, alarga assim por mais sete dias a quarentena em vigor para viajantes de outras zonas “com alta incidência” da doença, de 21 dias, recorreu Leong Iek Hou.

“Considerámos que esses três países têm uma situação epidemiológica relativamente grave e que as pessoas vindas desses países podem ter um grande risco de contágio (...)”, acrescentou, frisando que o aumento da quarentena se destina a “tentar minimizar o máximo possível o risco de contágio em Macau”. A Índia é o segundo país com mais casos de covid-19 no mundo, a seguir aos Estados Unidos, registando há vários dias um recorde de infecções.

VACINAS NOS ESTADOS UNIDOS

Metade dos adultos já recebeu uma dose



Cerca de 130 milhões de pessoas, o que equivale à metade da população adulta dos Estados Unidos, já recebeu pelo menos uma dose da vacina contra a covid-19. Segundo os dados do Centro para o Controlo e Prevenção de Doenças dos EUA, quase 84 milhões de adultos, cerca de 32,5% da população, foram já totalmente vacinados.

Os EUA ultrapassaram a marca de 50% dos adultos vacinados um dia após o número de mortes por covid-19 ter superado os três milhões em todo o mundo, de acordo com a Universidade Johns Hopkins. O país é o mais afectado pela covid-19 a nível mundial, tanto no número de mortos, já ultrapassou os 566 mil, como no de casos de infec-

ções, mais de 31,6 milhões.

Por outro lado, o consultor da administração norte-americana para a pandemia, Anthony Fauci, referiu que a vacina da Johnson & Johnson (J&J), suspensa nos Estados Unidos e na Europa, deverá voltar a ser administrada nos próximos dias, possivelmente “com restrições”.



SINTOMAS COMO CEFALEIA, vómitos e diarreia, que isoladamente não servem para definir covid-19, passam a ser considerados sobretudo quando surgem em idade pediátrica, segundo norma actualizada pela Direcção-Geral da Saúde de Portugal.

VACINAS E MEDICAMENTOS NO BRASIL

Governadores pedem ajuda à ONU

Governadores brasileiros pediram à Organização das Nações Unidas (ONU) "ajuda humanitária" para a aquisição de vacinas contra a covid-19 e de medicamentos para a intubação de pacientes infectados. Os governadores reuniram-se virtualmente com a secretária-geral adjunta da ONU, Amina Mohamed.

"Temos uma procura e uma preocupação nacional em rela-

ção à imunização brasileira. (...) A situação que enfrentamos no Brasil é especialmente dramática em função não só de falta de coordenação nacional, mas também desse enfrentamento às políticas de distanciamento que nos ajudariam a reduzir a incidência do vírus, o que acabou criando essa triste situação de milhares de mortes diárias", disse o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite.

A proximidade do inverno foi destacada na reunião como mais um motivo de preocupação em algumas regiões do país, uma vez que a queda das temperaturas faz surgir uma série de outras doenças respiratórias.

"Sabemos que a mudança do clima traz novas demandas, que farão com que mais pessoas procurem atendimento. Por isso, apelamos à ONU para que colabore no sentido de articu-

lar internacionalmente para que o Brasil possa vir a ser priorizado na entrega de vacinas, para que possamos conter o avanço do coronavírus nas diversas regiões do país", acrescentou Leite, citado no 'site' do executivo do Rio Grande do Sul.

Já o Governador do Piauí, Wellington Dias, alertou para a escassez de medicamentos para intubação de pacientes infectados, como sedativos.



DEVIDO A ATRASOS

UE pondera não renovar contrato com AstraZeneca

O comissário europeu para o Mercado Interno, Thierry Breton, admitiu que a União Europeia (UE) pode não renovar o contrato para a aquisição da vacina da AstraZeneca, alegando o incumprimento dos prazos de entrega.

"A minha prioridade, como responsável das vacinas, é que aqueles com quem assinamos um contrato façam as entregas no prazo", disse numa entrevista ao canal francês BFM TV citada pela agência EFE.

E lamentou que, no âmbito do contrato assinado para 120 milhões de doses no primeiro trimestre e de 180 milhões no segundo nos países da União Europeia, só tenham sido entregues cerca de 30 milhões entre Janeiro e Março. "Isso criou problemas. Nada é definitivo, continuaremos as

negociações", disse, assegurando que a eventual não renovação do contrato, que termina a 30 de Junho, se deve à questão dos prazos e das condições estipuladas e não a problemas com a vacina em si mesma. A campanha de vacinação da UE tem sido marcada por atrasos na entrega de vacinas por parte da farmacêutica anglo-sueca e pelos efeitos secundários do seu fármaco, tendo sido confirmada a sua ligação a casos muito raros de formação de coágulos sanguíneos.

Em 08 de Abril, as autoridades de saúde portuguesas recomendaram a administração da vacina da AstraZeneca em pessoas acima dos 60 anos, depois de a EMA ter indicado uma "possível ligação" entre este fármaco e "casos muito raros" de formação de coágulos.

DURANTE UMA SEMANA

Nova Deli impõe confinamento total

As autoridades de Nova Deli, na Índia, vão impor um confinamento total por uma semana, para evitar um colapso do sector da saúde na capital, onde os hospitais estão sobrelotados e há falta oxigénio medicinal.

O aviso foi feito pelo responsável de governo da capital, Arvind Kejriwal, numa mensagem transmitida pela televisão.

"Se não impusermos um confinamento agora, a tragédia será maior. Não podemos empurrar Deli para uma situação em que os pacientes esperam nos corredores e as pessoas morrem nas estradas", lamentou o responsável do governo.

Os hospitais da cidade, com cerca de 20 milhões de habitantes, estão "no limite", disse Kejriwal, que justificou a

necessidade de "medidas drásticas" para evitar "um colapso do sistema de saúde", embora tenha anunciado que os serviços essenciais continuarão a funcionar normalmente.

A cidade, como o resto da Índia, registou um número recorde de infecções do novo coronavírus nos últimos dias, o que disparou o alarme entre as autoridades e levou o governo local a impor um confinamento e encerrar restaurantes e centros comerciais.

Kejriwal lembrou que Nova Deli registou cerca de 23.500 casos nas últimas 24 horas, embora nos últimos dias as infecções tenham rondado 25.000.

"Se 25 mil pacientes chegarem todos os dias, o sistema entrará em colapso: não

há camas", explicou o chefe do governo da cidade.

Segundo uma página oficial na Internet que informa sobre a disponibilidade de camas nos de cuidados intensivos, reservadas para casos mais graves que necessitam assistência respiratória, só estão livres 113 das 4.220 camas da cidade, ainda que o governo planeie abrir novas vagas nos próximos dias.

Kejriwal também apontou a falta crítica de oxigénio medicinal na capital, um problema que outras regiões do país asiático destacaram nos últimos dias.

A Índia ultrapassou 15 milhões de infecções pelo novo coronavírus desde o início da pandemia, após registar um novo máximo diário de infecções e mortes.



Marcas & Estilos



Upgrade com estilo

A escolha de uma obra de arte define o astral da sua sala. Tudo o que precisa é de uma grande peça ousada para dar instantaneamente à sua casa um upgrade com estilo. Pode ter impressões maiores do que todas as ofertas padrão actuais combinadas. O bom gosto parte da Giant Art, patenteada exclusiva e fácil da DIY.



O paladar agradece

Este é dos melhores frappé da marca Nectar of the Wine. Proporciona-lhe um sabor único e é mais saboroso ainda quando misturado com chardonnay, pois fornece um delicioso derretido pelo qual o paladar agradece.



AUTOMÓVEL

Uma condução emocionante

O mais recente membro da família Hyundai utiliza energia eléctrica para o ajudar a ir mais longe com cada litro de gasolina. Tudo isto sem ser necessário carregar baterias ou alterar os hábitos de condução.

Uma combinação que não se vê com muita frequência: híbrido e divertido, o novo Kauai Hybrid eleva os padrões de eficiência de combustível. Este desportivo está equipado com um motor a gasolina de injeção directa e um motor eléctrico alimentado por bateria. Juntas, estas duas unidades oferecem uma performance potente e excepcional, com uma potência combinada de 141 cavalos e 265 Nm de binário. Se juntar a caixa desportiva de seis velocidades e dupla embraiagem a esta mistura dinâmica, obtém uma experiência de condução muito emocionante, sempre com a maior das economias de combustível e as emissões mais reduzidas.

AGENDA

LUANDA

21 DE ABRIL

Sob tema 'Tributação e Desenvolvimento - em período de crise, como fomentar o crescimento económico', a Revista Economia & Mercado realiza o fórum 'Tributação e Desenvolvimento', no Hotel Epic Sana, a partir das 8h30.

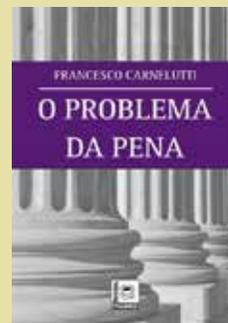
22 DE ABRIL

Fórum Angolano de Empreendedorismo digital, no Memorial Dr. António Agostinho Neto, a partir das 14h30, presencialmente ou online. Bilhetes presenciais a 50 mil kwanzas, online a 20 mil kwanzas.

24 DE ABRIL

A emissão especial do Mister Angola vai ser exibida a partir das 20h00. O 'Mundo Vip Mister Angola' vai começar com a passeadeira vermelha, seguindo-se a gala em directo. Competem dez candidatos do Namibe, Malanje, Cunene, Lunda-Norte, Uíge, Huíla, Huambo, Benguela, Bengo e Luanda.

LIVROS



A RIQUEZA DA VIDA SIMPLES:

Como Escolhas Mais Inteligentes Podem Antecipar a Conquista de Seus Sonhos, Uma vida rica pressupõe a realização de sonhos. Neste livro, Gustavo Cerbasi usa toda a experiência adquirida para propor um novo modelo de construção de riqueza..



FRANCESCO CARNELUTTI APRESENTA NESTA OBRA, O Problema da Pena, matérias jurídicas de complexa percepção que envolvem a visão social sobre o infractor e a sua recuperação, além de temas como a ofensa, o dano, e a relação formal entre o delito e a pena.



TURISMO

Esquiar é aqui... na Califórnia

Pode não ter... aqueela reputação, mas certamente tem atracção por celebridades. A ex-lenda do skate Tony Hawk tem uma casa aqui, enquanto os Kardashians, George Clooney e Will Ferrell são visitantes regulares. Talvez nenhuma surpresa, visto que a estação de esqui fica a apenas uma hora de voo, ou cinco horas de carro, de Los Angeles.

O resort oferece algumas das melhores viagens dos EUA - 150 delas para ser mais preciso. Mais de 3.500 acres de terreno esquiável são acessíveis por 28 teleféricos e três góndolas. Longe das encostas, há uma vasta região selvagem para explorar, cobrindo extensos vales, lagos cristalinos nas montanhas e fontes termais naturais. Fundado em 2005, o The Village Lodge é um hotel classificado com 3 diamantes e oferece aos hóspedes o luxo de uma experiência ski-in e ski-out. O Lar da Mammoth Margarita é uma versão caseira e tradicional do clássico mexicano, e uma viagem a Mammoth Lakes não está completa sem jantar no Gomez's. Em operação há mais de duas décadas, este restaurante mexicano é o lar de um dos maiores destinos de Tequilerias do mundo.

Educação & Tecnologia

Huawei realça otimização de portfólio para aprimorar resiliência

PUBLICIDADE. Luanda, 12 de Abril de 2021 – A Huawei realizou segunda-feira, dia 12, sua 18ª Cúpula Global de Analistas em Shenzhen, China. Mais de 400 convidados, incluindo analistas da indústria e financeiros, principais líderes de opinião e representantes da mídia participaram do evento no local, junto com analistas e representantes da mídia de todo o mundo via online.

O presidente rotativo da Huawei, Eric Xu, compartilhou o desempenho de negócios da empresa em 2020, bem como cinco iniciativas estratégicas para avançar com elas:

- Optimizar seu portfólio para aumentar a resiliência dos negócios - como parte desses esforços, a Huawei fortalecerá seus recursos de software e investirá mais em negócios que dependem menos de técnicas de processo avançadas, bem como em componentes para veículos inteligentes;
- Maximizar o valor do 5G e definir o 5.5G com pares da indústria para impulsionar a evolução das comunicações móveis;
- Fornecer uma experiência integrada, inteligente e centrada no usuário em todos os cenários;
- Inovar para reduzir o consumo de energia para um mundo de baixas emissões de carbono.
- Abordar os desafios de continuidade do fornecimento.

"Reconstruir a confiança e restaurar a colaboração em toda a cadeia global de suprimentos de semicondutores é crucial para trazer a indústria de volta aos trilhos", enfatizou Eric Xu. "Seguindo em frente, continuaremos a nos encontrar em um ambiente global complexo e volátil. As novas ondas do COVID-19 e a incerteza geopolítica apresentarão desafios contínuos para todas as orga-

nizações, negócios e países. Acreditamos profundamente no poder da tecnologia digital para fornecer novas soluções para os problemas que todos enfrentamos. Portanto, continuaremos a inovar e impulsionar a transformação digital com nossos clientes e parceiros para levar o digital a cada pessoa, casa e organização um mundo conectado e inteligente."

William Xu, director do conselho e presidente do Instituto de Pesquisa Estratégica da Huawei, começou sua palestra abordando os desafios que afetarão o bem-estar social na próxima década, incluindo o envelhecimento da população e o consumo cada vez mais alto de energia. Ele seguiu com a visão da Huawei sobre o mundo inteligente de 2030, incluindo nove desafios tecnológicos

e direções propostas para os esforços de pesquisa. Esses incluem:

- 1) Definição do 5.5G para apoiar centenas de bilhões de diferentes tipos de conexões;
- 2) Desenvolvimento de óptica em nanoescala para um aumento exponencial na capacidade da fibra;
- 3) Optimização de protocolos de rede para conectar todas as coisas;
- 4) Fornecimento de poder de computação avançado forte o suficiente para suportar o mundo inteligente;
- 5) Extração de conhecimento de grandes quantidades de dados para conduzir avanços na IA industrial;
- 6) Ir além da arquitetura de von Neumann para sistemas de arma-

zenamento 100x mais densos;

- 7) Combinar computação e detecção para uma experiência de hiper-realidade e multimodal;
- 8) Capacitar as pessoas a administrar de forma mais proativa sua saúde, por meio de automonitoramento contínuo dos sinais vitais pessoais;
- 9) Construir uma Internet de Energia inteligente para a geração, armazenamento e consumo de eletricidade mais verde.

"Na próxima década", disse William Xu, "podemos esperar grandes melhorias na sociedade. Para promover esses esforços, esperamos unir forças com diferentes indústrias, universidades, institutos de pesquisa e desenvolvedores de aplicativos para abordar os desa-

fos universais que a humanidade enfrenta. Com uma visão compartilhada, todos nós temos um papel a desempenhar enquanto exploramos como tornar as conexões mais fortes, a computação mais rápida e a energia mais ecológica. Juntos, vamos marchar em direção a um mundo inteligente em 2030", explicou Xu.

O primeiro Huawei Global Analyst Summit ocorreu em 2004 e tem sido realizado anualmente desde então. A cúpula deste ano, "Construindo um Mundo Inteligente e Totalmente Conectado", ocorre de 12 a 14 de abril, com uma série de sessões de aprofundamento, onde especialistas da indústria de todo o mundo podem compartilhar suas percepções exclusivas e discutir tendências futuras.

SOBRE A HUAWEI

A Huawei é líder global em soluções de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e uma das 100 marcas mais valiosas do mundo de acordo com a Forbes. A companhia tem a visão de enriquecer a vida das pessoas por meio da comunicação e é dedicada à inovação centrada no cliente. Com sólidas parcerias com a indústria local, a Huawei está comprometida com a criação de valor para operadoras de telecomunicações, empresas e consumidores, oferecendo produtos e soluções de alta qualidade e inovação em mais de 170 países e territórios. Com mais de 190 mil funcionários em todo o mundo, a empresa atende mais de um terço da população mundial.

Para mais informações, visite a Huawei online em www.huawei.com.



Novo estudo mostra que o declínio acelerou nas últimas décadas devido às alterações climáticas causadas pelo homem.

Ambiente

TEVE TERCEIRO PIOR REGISTO DOS ÚLTIMOS 20 ANOS

Amazônia perdeu 2,3 milhões de hectares em 2020



O Equador perdeu 19.000 hectares de floresta Amazônia, também um recorde nacional de desflorestação.

DESFLORESTAÇÃO. Países com a maior perda de floresta amazônica primária durante 2020 foram Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela e Equador.

A Amazônia perdeu 2,3 milhões de hectares em 2020, 17% a mais do que no ano anterior, o terceiro pior registro dos últimos 20 anos e o maior na Bolívia, Equador e Peru, segundo imagens de satélite.

Os dados foram recentemente divulgados pelo Projeto de Monitorização da Amazônia Andina (MAAP, na sigla em inglês), uma

iniciativa da organização não-governamental (ONG) Amazon Conservation.

A área de floresta amazônica perdida em 2020 entre os nove países monitorizados pelo MAAP (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana francesa, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela) é maior do que toda a extensão de um país como El Salvador.

Só em 2016 e 2017 é que os números foram superiores aos registrados no ano passado, num momento em que, apesar da pan-

demia de covid-19, a desflorestação da Amazônia se intensificou.

Os países com a maior perda de floresta amazônica primária durante 2020 foram, por esta ordem, Brasil, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela e Equador.

Mais de 65% da desflorestação de toda a Amazônia registrada em 2020 ocorreu no Brasil, país com o maior território amazônico, que perdeu 1,5 milhões de hectares, 13% a mais do que no ano anterior.

A extensão desflorestada no

Brasil é quase o dobro da superfície total de Porto Rico e é o sexto valor mais alto dos últimos vinte anos no país.

Pelas imagens de satélite observadas, as áreas desflorestadas no Brasil foram primeiro cortadas e depois queimadas, causando grandes incêndios devido ao corte abundante de biomassa, numa prática aparentemente ligada à expansão das pastagens para gado.

Tanto na Bolívia quanto no Peru, contabilizou-se um recorde histórico de desflorestação nos seus respectivos territórios amazônicos, com os maiores números das últimas duas décadas.

Na Bolívia, foram superados os 240 mil hectares, superando assim o recorde de 2017, principalmente devido aos incêndios ocorridos no sudeste, que devastaram as matas secas, conhecidas como os ecossistemas Chiquitano e Chaco.

O caso do Peru é semelhante, uma vez que perdeu 190 mil hectares de floresta virgem, 18% a mais do que 2019, um número nunca antes visto e que supera o recorde anterior de 2017.

O principal núcleo de desflorestação no Peru está na floresta central, entre as regiões de Pasco, Huánuco e Ucayali, causada principalmente pela agricultura migratória.

Nesses locais, os agricultores apoderam-se de pequenas parcelas de terreno, de um ou dois hectares, e queimam-no, o que diminui a fertilidade da terra, e, no ano seguinte, vêm-se obrigados a repetir o processo em outra terra próxima.

Por sua vez, a Colômbia teve o segundo maior registro de perda de floresta primária na sua Amazônia, com quase 140.000 hectares desflorestados, 53% a mais face a 2019, segundo indicou à agência EFE o investigador do MAAP Matt Finer.

Por sua vez, o Equador perdeu 19.000 hectares de floresta Amazônia, também um recorde nacional de desflorestação, superando em 53% o registro do ano anterior.

O MAAP realizou essa análise com base em dados e imagens de satélite de 30 metros de resolução, produzidos pela Universidade de Maryland, nos Estados Unidos.

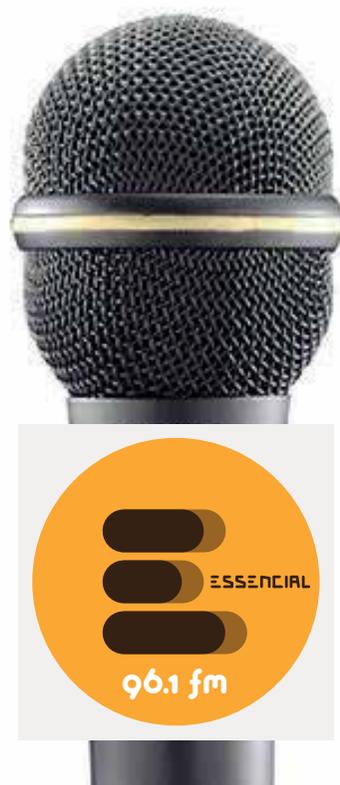
A investigação conta com o apoio da NORAD (Agência Norueguesa de Cooperação para o Desenvolvimento) e do ICFC (Fundo Internacional para a Conservação do Canadá).

19

Mil hectares, extensão da floresta Amazônia perdida pelo Equador

O QUE É
ESSENCIAL
NOS DIAS
DE HOJE?

96.1 fm



NÚMEROS DA SEMANA

79

Postos de combustíveis que pertenciam à Puma Energy e que foram adquiridos pela Sonangol entre outros activos, num acordo tripartido.

36

Empresas nacionais e estrangeiras apresentaram propostas ao concurso internacional para a gestão e valorização do Aterro Sanitário dos Mulenvos.

240

Pequenos projectos aguardam por financiamento da Sociedade de Microcrédito "kixicredito", no Bié, no âmbito do Fundo Activo de Capital de Risco Angolano (Facra).

100

milhões de kwanzasPrejuízos da indústria de bebidas em 2020, devido à "contínua concorrência desleal", segundo operadores.

JAN/FEV DE 2021

Importação de vinhos portugueses cai 39%

O valor da importação de vinhos portugueses, nos primeiros dois meses deste ano, recuou 38,56% para 3,67 milhões de euros face ao período homólogo, de acordo com dados da Vini-Portugal.

O desempenho de Janeiro e Fevereiro renova assim a tendência dos últimos anos. Por exemplo, as compras angolanas em 2019 foram de 36,9 milhões de euros, uma redução de cerca de 6,8% face a 2018 em que valeram cerca de 39,6 milhões. Já nos primeiros nove meses de 2020 caíram 27%, para 19,3 milhões de euros.

Nos primeiros dois meses de 2021, o mercado angolano registou, neste sentido, a maior redução entre os maiores destinos das exportações vinícolas de Portugal. Seguiu-se a Espanha (-19,36%), Estados Unidos (-14,72%) e Reino Unido (-14,24%), Luxemburgo (-7,22%) e Suíça (-5,56%). Registou-se também recuo nas exportações portuguesas para o mercado francês (-3,93%) que, entretanto, foi o principal destino dos vinhos portugueses com 16,67 milhões de euros.

No período em análise, as exportações portuguesas atingiram um total de 121 milhões de euros, um aumento de 2,96% face ao período homólogo.



TELEVISÕES SUSPENSAS PELO MINTTICS

Mais de 650 empregos em risco

Mais de 650 empregos podem estar em risco após a decisão do Ministério da Telecomunicações, Tecnologias de Informação e Comunicação Social (MINTTICS) de suspender vários canais de televisão, por suposta violação à legislação angolana, medida que deve se efectivar a partir das zero horas do dia 21 de Abril 2021. Deste número 73 são da TV Record África, ligada a interesses do bispo da igreja Universal Edir Macedo, 200 são da Vida TV e 387 da ZAP Viva, ambas propriedades das filhas do ex-Presidente da República José Eduardo dos Santos, nomeadamente Tchizé e Isabel dos Santos.

Em comunicado divulgado nesta segunda-feira, o MINTTICS justificou a medida como parte de um "processo interno de organização e regularização das empresas de Comunicação

Social, nos termos do artigo 71.º da Lei n.º 1/17, de 23 de Janeiro - Lei de Imprensa".

Dentre as violações à legislação, diz o documento que a empresa Rede Record de Televisão (Angola), Limitada, que responde pela TV Record África, tem no exercício de função de Director-Executivo um cidadão não nacional e que quadros estrangeiros desta empresa exercem a actividade jornalística no país, mesmo sem estarem acreditados nem credenciados no Centro de Imprensa Aníbal de Melo.

Ainda de acordo com o MINTTICS, os canais ZAP VIVA, VIDA TV E REDE RECORD não têm o registo para o exercício da actividade de televisão em Angola.

De acordo com o comunicado, as empresas só voltarão a exercer sua actividade após regularização das "inconformidades legais" junto da Direcção Nacional de Informação e Comunicação Institucional do MINTTICS.

Dos 243 jornais registados, apenas 34 encontram-se em exercício da actividade e 459 revistas registadas, apenas 17 encontram-se em exercício da actividade. Diz ainda o comunicado que estão registados no MINTTICS e em actividade, 10 portais de notícias. Das 144 estações de rádio registadas, apenas 117 encontram-se em funcionamento.

No geral, as empresas de comunicação em Angola empregam mais de 9 mil pessoas. Lideram a lista de maiores empregadores no sector da comunicação social a Radio Nacional de Angola e Televisão Pública de Angola, com mais de 2 mil trabalhadores cada uma.

Vários sectores da sociedade já se pronunciaram, entretanto, a condenar a medida do Governo. Em declarações à Rádio Essencial, o secretário-geral do Sindicato dos Jornalistas Angolanos questionou, por exemplo, a legitimidade do Ministério para suspender a actividade dos órgãos.